

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA - UFU
INSTITUTO DE ARTES - IARTE
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES



LEIDIANE APARECIDA COSTA FERREIRA DA SILVA

ANÁLISE DE PRÁTICAS DE CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS PARA CRIANÇAS BEM PEQUENAS: EXPERIÊNCIAS DE UMA PROFESSORA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

UBERLÂNDIA - MG

2025

LEIDIANE APARECIDA COSTA FERREIRA DA SILVA

ANÁLISE DE PRÁTICAS DE CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS PARA CRIANÇAS BEM PEQUENAS: EXPERIÊNCIAS DE UMA PROFESSORA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Dissertação apresentada ao Instituto de Artes da Universidade Federal de Uberlândia, Mestrado Profissional em Artes (PROF-ARTES), como requisito à obtenção do título de Mestre no Mestrado Profissional em Artes, linha de pesquisa: Processos de Ensino, Aprendizagem e Criação em Artes. Área de concentração: Teatro.

Orientadora: Rosimeire Gonçalves dos Santos

UBERLÂNDIA - MG

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

S586a Silva, Leidiane Aparecida Costa Ferreira da, 1984-
2025 Análise de práticas de contação de histórias para crianças bem
pequenas [recurso eletrônico] : experiências de uma professora na
Educação Infantil / Leidiane Aparecida Costa Ferreira da Silva. - 2025.

Orientadora: Rosimeire Gonçalves dos Santos.
Dissertação (Mestrado profissional) - Universidade Federal de
Uberlândia Programa de Pós-graduação em Artes (PROFARTES).

Modo de acesso: Internet

Modo de acesso: Internet.
Disponível em: <http://doi.org/10.14393/bfbi.v20n25.5080>

Disponível em: [http://acervodigital.unesp.br](#)
Inclui bibliografia.

Incluir bibliografia
Incluir ilustrações

I. Artes. I. Santos, Rosimeire Gonçalves dos, 1966-, (Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-graduação em Artes (PROEARTE). III. Título.

CDU-7

André Carlos Francisco
Bibliotecário-Documentalista - CRR-6/3408



ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Mestrado Profissional em Artes				
Defesa de:	Mestrado Profissional em Artes - PROFARTES				
Data:	20 de fevereiro de 2025	Hora de início:	18:00	Hora de encerramento:	19: 20
Matrícula do Discente:	12312MPA005				
Nome do Discente:	Leidiane Aparecida Costa Ferreira da Silva				
Título do Trabalho:	Análise de Práticas de Contação de Histórias para Crianças Bem Pequenas: Experiências de uma Professora na Educação Infantil				
Área de concentração:	Ensino de Artes				
Linha de pesquisa:	Abordagens teórico-metodológicas das práticas docentes				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	Processos de reconhecimento de si, metodologias, novas tecnologias, identidades e presenças na formação artística e docente nas Artes Cênicas				

Reuniu-se por teleconferência online a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Mestrado Profissional em Artes, assim composta: Prof. Dr. Lucas de Carvalho Larcher Pinto, Profa. Me. Meirinês Severino de Oliveira e Profa. Dra. Rosimeire Gonçalves dos Santos, orientadora da candidata.

Iniciando os trabalhos a presidente da mesa, Profa. Dra. Rosimeire Gonçalves dos Santos, apresentou a Comissão Examinadora e a candidata, agradeceu a presença do público, e concedeu à Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação da Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir a senhora presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos examinadores, que passaram a arguir a candidata. Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando a candidata:

Aprovada.

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente

ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Rosimeire Gonçalves dos Santos, Professor(a) do Magistério Superior**, em 25/02/2025, às 14:29, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Lucas de Carvalho Larcher Pinto, Usuário Externo**, em 25/02/2025, às 15:23, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Meirinês Severino de Oliveira, Usuário Externo**, em 25/02/2025, às 19:45, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site
[https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?
acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0](https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **6129384** e o código CRC **4519FE47**.

Referência: Processo nº 23117.012183/2025-61

SEI nº 6129384

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, fonte de força, inspiração e luz que me guiou durante toda esta jornada acadêmica e pessoal.

À minha orientadora, Rosimeire Gonçalves dos Santos, cuja sabedoria, paciência e dedicação foram fundamentais para a construção deste trabalho. Sua orientação atenta e seu apoio incondicional me proporcionaram confiança e inspiração ao longo deste percurso desafiador.

Aos meus familiares, minha base e meu porto seguro. Em especial, ao meu esposo Wanderson, por estar sempre ao meu lado, compartilhando cada passo desta caminhada e oferecendo suporte inestimável em todos os momentos. Às minhas filhas, Ana Cecília, Sara e Lívia, que são a minha maior motivação, minhas fontes de alegria e esperança.

Aos meus colegas de curso, com quem compartilhei aprendizados, desafios e vitórias. Cada troca de experiências foi um estímulo para continuar e acreditar na força do conhecimento coletivo.

Às minhas colegas de trabalho, Drucila Millian, Andrea Melquiades e Oneide Barbosa, que gentilmente colaboraram como fotógrafas e cinegrafistas, garantindo o registro valioso das atividades realizadas durante esta pesquisa.

À CAPES, expresso minha profunda gratidão pelo apoio financeiro concedido por meio da bolsa de estudos durante todo o curso, o que foi essencial para a concretização deste trabalho e para o meu desenvolvimento acadêmico e profissional.

Ao Cemepe e à EMEI Elôah Marisa de Menezes, pela acolhida e pela autorização para que esta pesquisa fosse desenvolvida em seus espaços. Sem essa confiança e parceria este trabalho não teria sido possível.

Aos docentes da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), por toda a partilha de conhecimentos, pelas discussões enriquecedoras e pelo exemplo de dedicação à educação. Vocês foram fundamentais para a minha formação.

À secretária Patrycia Olivo Moreira, minha sincera gratidão pela prontidão, eficiência, organização e dedicação incansáveis, que foram fundamentais ao longo desta jornada.

Aos membros da banca avaliadora, minha profunda gratidão pela análise criteriosa e pelas contribuições inestimáveis, que foram essenciais para o aprimoramento deste trabalho e para o meu crescimento como pesquisadora. Destaco a generosidade do Prof. Dr. Wellington Menegaz de Paula e da Profa. Me. Meirinês Severino de Oliveira durante a banca de qualificação, bem como as valiosas reflexões trazidas pela Profa. Me. Meirinês Severino de Oliveira e pelo Prof. Dr. Lucas de Carvalho

Larcher Pinto na banca de defesa, que enriqueceram significativamente esta pesquisa e consolidaram sua relevância teórica e metodológica.

Por fim, e de forma muito especial, às crianças que participaram deste estudo, que com sua espontaneidade, curiosidade e alegria deram vida e sentido a esta pesquisa. Vocês me ensinaram mais do que palavras podem expressar, e são a verdadeira razão de ser deste trabalho.

A todos vocês, os meus mais sinceros e profundos agradecimentos.

Dedico este estudo

A todas as crianças que cruzaram meu caminho, em especial às que participaram desta pesquisa, por me lembrarem, com sua pureza e entusiasmo, o poder transformador da imaginação e da simplicidade.

E a todas as pessoas que acreditam na força potencializadora da contação de histórias, que enxergam nela não apenas uma arte, mas um ato de semear sonhos, valores e possibilidades.

RESUMO

Esta pesquisa surgiu a partir da minha experiência como professora de educação infantil, fundamentada nas vivências com a contação de histórias e nas percepções das contribuições das narrativas para o desenvolvimento das crianças. A questão que norteia este estudo é compreender se a contação de histórias com recursos visuais pela professora desperta maior interesse e participação ativa das crianças e, dessa forma, contribui para desenvolver a empatia na sala de aula de educação infantil. As experiências de contação de histórias analisadas nesta dissertação foram realizadas com crianças de três anos da Escola Municipal de Educação Infantil Elôah Marisa de Menezes. Como base metodológica, foi escolhida a abordagem qualitativa, seguindo uma metodologia descritiva nos moldes de pesquisa participante. As principais contribuições teóricas para este trabalho foram Fanny Abramovich, Flávia Janiaski, Maria Isabel Ramos, Ana Elvira Wu e Ângela Barcellos Café, autoras cujas escritas fornecem transferências importantes para a compreensão dos conceitos e práticas relacionadas à contação de histórias. Espera-se que este estudo possa contribuir para o aprimoramento das práticas pedagógicas na educação infantil, enfatizando a importância da contação de histórias como estratégia educacional e explorando o potencial dos recursos visuais enriquecedores.

Palavras-chave: Contação de histórias. Educação Infantil. Empatia. Recursos visuais.

ABSTRACT

This research arises from my experience as an early childhood education teacher, based on experiences with storytelling and perceptions of the contributions of narratives to children's development. The question that guides this study is to understand whether storytelling with visual resources by the teacher arouses greater interest and active participation in children and, in this way, contributes to developing empathy in the early childhood education classroom. The storytelling experiences analyzed in this dissertation were carried out with three-year-old children from the Elôah Marisa de Menezes Municipal Early Childhood Education School. As a methodological basis, a qualitative approach was chosen, following a descriptive methodology along the lines of participatory research. The main theoretical contributions to this work were made by Fanny Abramovich, Flávia Janiaski, Maria Isabel Ramos, Ana Elvira Wuo and Ângela Barcellos Café, authors whose writings provide important transfers for the understanding of concepts and practices related to storytelling. It is expected that this study can contribute to the improvement of pedagogical practices in early childhood education, emphasizing the importance of storytelling as an educational strategy and exploring the potential of enriching visual resources.

Keywords: Storytelling. Early Childhood Education. Empathy. Visual Resources.

LISTAS DE SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CEB	Câmara de Educação Básica
CEMEPE	Centro Municipal de Estudos e Projetos Educacionais Julieta Diniz
CNE	Conselho Nacional de Educação
EMEI	Escola Municipal de Educação Infantil
DCM	Diretrizes Curriculares Municipais
DCNEI	Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
RCNEI	Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil

LISTAS DE FIGURAS

Figura 1- Contação de histórias em sala de aula com crianças de um ano.....	15
Figura 2 - Contando histórias para crianças de um ano.....	15
Figura 3 - Contação de Histórias com crianças de 2 anos.....	16
Figura 4 - Entrada da Emei Elôah.....	33
Figura 5 – Parque gramado da Emei Elôah.....	34
Figura 6 – Livro da história: O peixe Arco-íris.....	39
Figura 7 – Livro da história: A Centopeia que sonhava.....	39
Figura 8 – Personagens da história: O Peixe Arco-íris.....	43
Figura 9 – Peixes da história confeccionados de bexiga	44
Figura 10 – Início da narrativa O Peixe Arco-íris	46
Figura 11 – O Peixe Arco-íris	46
Figura 12 – Movimentação do peixe azul controlado por elástico	47
Figura 13- O Peixe Arco-íris sendo conduzido de acordo com a narrativa	47
Figura14-Personagens da história A centopeia que sonhava	50
Figura 15 – Início da história	52
Figura 16 – Apresentação da Dona Centopeia	53
Figura 17 – Narrativa da história	54
Figura 18 – Demonstração dos personagens da história	56
Figura 19 – Desenvolvimento da narrativa	56

SUMÁRIO

I INTRODUÇÃO	13
II NARRATIVAS QUE INSPIRAM: COMO CONTAR HISTÓRIAS TRANSFORMA E EDUCA	20
2.1 Desenvolvendo a empatia e a compreensão: A importância das histórias para o desenvolvimento infantil	23
2.2 Despertando a imaginação: Estratégias e recursos na contação de histórias	27
III DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL: DEFINIÇÃO DO CAMPO E ESCOLHAS METODOLÓGICAS	32
3.1 História do espaço da Escola Municipal de Educação infantil Elôah Marisa de Menezes.....	32
3.2 Delimitando o público: crianças de três anos como foco da pesquisa.....	34
3.3 Teias de imaginação: O processo de escolha das narrativas	37
3.4 Contando Histórias e Cultivando Empatia: Uma Abordagem Prática	41
IV REFLEXÕES SOBRE O IMPACTO DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	58
V ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	62
REFERÊNCIAS.....	65
ANEXOS.....	68

I INTRODUÇÃO

Contar histórias é uma forma poderosa de conectar experiências, preservar nossa identidade e dar significado à nossa existência. Em especial, no contexto da primeira infância, fase primordial marcada pelas experimentações e pela riqueza da imaginação, na qual cada história é única e valiosa.

Reviver a história de infância e lembrar das minhas origens me possibilita rememorar lembranças de um tempo muito feliz da vida, cada recordação é como a página de um livro antigo, cheia de histórias, memórias, afetos e sentimentos que me conectam com a criança que fui.

A Infância de zero a seis anos de idade é a parte inesquecível que vivi em meio à natureza. Morava na roça, em uma fazenda chamada Porto Cavalo, em um espaço cedido à minha família, numa casinha de palha rodeada de pés de manga, na beira do rio Paracatu. Aquele lugar era simples, na época, vivi momentos marcantes na minha existência, a simplicidade da vida na fazenda contribuiu de forma significativa como fonte de inspiração e imaginação. À noite, tínhamos a tradição de nos reunirmos para jogar conversa fora, sendo uma maneira prazerosa de fortalecer os laços familiares e comunitários. Eram momentos preciosos para mim, pois eu tinha a oportunidade de compartilhar histórias, experiências, vivências e conhecimentos com pessoas especiais. Dessa forma, fui crescendo e conhecendo, no meio familiar, os primeiros contadores de histórias: meus pais e tios, por quem tenho grande admiração.

A casinha que morávamos, com paredes de barro e teto de palhas, não tinha energia elétrica. A luz que tínhamos à noite vinha do lampião. Ao escurecer, quase todas as noites sentávamos em roda do lado de fora de casa no escuro e ficávamos horas conversando, contando “causos”, histórias. A maioria delas eram histórias de terror, que segundo os contadores, foram vivenciadas por eles. Eu gostava muito desses momentos, embora o medo tomasse conta de mim.

Como não existia televisão naquela casa de roça, lá nossa diversão era o rádio de pilhas. Lembro que quase todas as noites minha mãe ouvia o programa do Eli Corrêa, renomado radialista brasileiro. Conhecido por seu estilo marcante na locução e pelo bordão 'Oi, gente!', ele ganhou popularidade principalmente nos anos 1980 e 1990, apresentando programas voltados para histórias emocionantes e de superação. Durante a programação tinha uma sessão chamada “A Carta da saudade”. Histórias fantásticas eram contadas e muito bem narradas pelo locutor. Esses momentos foram bastante significativos e responsáveis por eu gostar de ouvir e contar histórias. Sisto (2012, p. 39) em seu livro *Textos e pretextos sobre a arte de contar*

histórias vem confirmar isso ao pontuar que “Todo contador de histórias foi marcado, de alguma forma pela literatura. Provavelmente, porque leram ou contaram histórias para ele na infância”.

Assim, fui me constituindo e me encantando pelas histórias, as quais se potencializaram ainda mais durante minha graduação na Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES, campus Pirapora – MG, ao ouvir uma história contada pela professora Ivanise Melo, professora de Práticas de Formação/Articulação. A narrativa se chama “O Vestido Azul”. A forma com que essa história foi contada me fez refletir e ter a certeza de como usar as histórias como forma de promover aprendizado e desenvolvimento (o texto, na íntegra, encontra-se disponível nos anexos desta pesquisa).

Comecei a atuar na Prefeitura Municipal de Uberlândia (MG) como professora efetiva na educação Infantil, em 2012. Sem experiência nesse campo, mas com muita vontade de aprender e ensinar, aprendi observando colegas de trabalho, estudando e pesquisando. Conforme pontua Freire (1996, p.29):

Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade.

Com as vivências em sala de aula e os estudos, fui percebendo que as crianças gostam de ouvir histórias, ficam atentas, observam, interagem e aprendem. A partir dessas percepções, durante minha atuação na educação infantil, comecei a trabalhar histórias encenadas, proporcionando às crianças experiências sensoriais e imersivas. Dessa maneira, descobri uma forma prazerosa de brincar com os pequenos e pequenas. Silva e Ribeiro (2017, n.p) pontuam que “O Educador infantil possui um importante papel na evolução intelectual e na base do crescimento escolar da criança, visto que, possibilita o desenvolvimento de construções significativas, levando o aluno a uma melhora na compreensão do mundo”.

Figura 1 – Contação de histórias em sala de aula com crianças de um ano



Fonte: Da própria autora (2022)

Figura 2 – Contando histórias para crianças de um ano



Fonte: Da própria autora (2023)

O ato complexo de ouvir, sentir e enxergar com os olhos imaginários cria oportunidades para as crianças explorarem diferentes perspectivas, além de aprenderem sobre a diversidade. Segundo Abramovich (1997), o ato de ouvir histórias é um momento de conexão entre adultos e crianças, no qual compartilhamos momentos especiais e únicos.

Janiaski (2019b) destaca que uma história bem contada é capaz de ativar múltiplos sentidos, envolvendo a criança em uma experiência sensorial rica e diversa, como visão, audição, tato e até sensações mais profundas. Essa interação com os sentidos transforma as

histórias em portais mágicos, permitindo que as crianças explorem diferentes lugares, tempos, e formas de ver e pensar o mundo, como também mencionado por Silva e Ribeiro (2017).

Nesse sentido, o docente tem uma importante ferramenta pedagógica, que utiliza a imaginação e o prazer narrativo para ampliar a percepção e o aprendizado das crianças. A arte de contar histórias torna-se, então, um momento de encantamento, que vai além da simples transmissão de conhecimento, criando um espaço onde as crianças podem experimentar novas sensações e desenvolver sua compreensão do mundo de forma integral.

A atividade de contação de histórias ocupa um lugar essencial em minha prática docente. Nesses momentos, busco oferecer às crianças oportunidades de vivenciar experiências diversificadas e desenvolver habilidades sociais. Janiaski (2019b) ressalta que cada história narrada carrega o potencial de despertar nos ouvintes uma sensação de multiplicidade de vidas, acessando memórias e sentimentos ligados à experiência pessoal e afetiva.

Esse aspecto emocional das histórias contribui para a formação integral das crianças, favorecendo uma conexão significativa com os outros e com o mundo ao seu redor. Oliveira (2022) complementa essa visão ao enfatizar que o hábito de contar e ouvir histórias fortalece vínculos interpessoais, contribui para a formação do caráter e da personalidade e ainda estimula funções cognitivas, como raciocínio, percepção de espaço e tempo e imaginação.

Figura 3 – Contação de histórias com crianças de 2 anos



Fonte: Da própria autora (2024)

Ao narrar uma história, a professora não apenas apresenta uma narrativa, mas também cria uma experiência rica que une emoção, aprendizado e desenvolvimento cognitivo, consolidando o papel transformador da contação de histórias na educação infantil.

A contação de histórias tem se mostrado uma prática pedagógica promissora, capaz de proporcionar experiências enriquecedoras para as crianças. Por meio das histórias, elas são transportadas para um mundo de imaginação, fantasia e aprendizado, permitindo-lhes explorar diferentes perspectivas e emoções.

A abordagem teórica ou empírica experimentada nessa pesquisa permite explorar diferentes perspectivas e contextos, bem como analisar os efeitos e benefícios dessa prática no desenvolvimento social das crianças. Ao investigar os impactos da contação de histórias com o uso de recursos visuais na promoção da empatia entre as crianças, é possível fornecer subsídios teóricos e práticos para os educadores, auxiliando-os na criação de ambientes pedagógicos mais enriquecedores e acolhedores.

Portanto, a presente pesquisa tem como problema compreender: De que maneira a contação de histórias com o uso de recursos visuais pela professora desperta maior interesse e participação ativa das crianças e contribui para o desenvolvimento da empatia na sala de aula de educação infantil? Espera-se que este estudo possa fornecer uma base para práticas pedagógicas mais eficazes e orientadas ao desenvolvimento integral das crianças, promovendo um ambiente de aprendizagem rico em interações significativas e positivas.

Para responder à questão da pesquisa, o objetivo geral é analisar as contribuições de práticas de contação de histórias com o manuseio de recursos visuais no desenvolvimento da empatia nas crianças da educação infantil. As práticas de contações de histórias com o uso de tais recursos educacionais oferecem uma variedade de benefícios ao desenvolvimento das crianças. Nessa proposta, elas terão a oportunidade da participação, interação, exploração, criatividade, contrapondo com práticas “usuais”, de contar histórias com o livro na mão, que são tão corriqueiras na escola.

E a partir dessas perspectivas, foram delineados os seguintes objetivos específicos:

- Observar como as contações de histórias são capazes de envolver as crianças, promovendo sua participação ativa, interação social e construção de significados a partir das narrativas apresentadas
- Relatar os processos de experimentação e proposição de práticas de contação de histórias e discutir a compreensão obtida sobre o comportamento, interações e participação das crianças nesses momentos narrativos
- Compreender melhor o comportamento das crianças durante os momentos de interação e participação na contação de histórias

Quanto aos procedimentos metodológicos, compõem este estudo a pesquisa bibliográfica, a análise documental e o estudo de caso. Os processos que dão sustentação à pesquisa são as análises do conteúdo dos documentos Projeto Político Pedagógico (Projeto Político Pedagógico, 2022), as contações de histórias na Escola Municipal de Educação Infantil (EMEI) Profª Elôah Marisa de Menezes, bem como a apreciação de experiências de contar histórias com as crianças de 3 anos. O aporte teórico da pesquisa contou com os seguintes autores: Abramovich (1997), Janiaski (2019), Wuo (2014), Ramos (2013) e Café (2000 e 2015).

Essas autoras trazem valiosas contribuições sobre o potencial da narrativa oral na formação das crianças, destacando o papel da imaginação, da linguagem e da expressão criativa no desenvolvimento infantil. Elas bordam a importância da contação de histórias como ferramenta pedagógica, explorando as conexões entre a narrativa e o desenvolvimento da criatividade, imaginação e pensamento crítico, essenciais para o crescimento das crianças.

Dessa forma a estrutura da dissertação contempla uma Introdução, na qual trago à tona minhas vivências pessoais na infância como uma fonte inspiradora, evidenciando a importância das histórias em minha trajetória de formação pessoal e profissional. Destaco a influência marcante da tradição oral familiar e a descoberta da contação de histórias como uma prática pedagógica de grande valor e enriquecedora.

No primeiro capítulo: *Narrativas que inspiram: como contar histórias transforma e educa*, exploro a trajetória histórica da contação de histórias, desde suas origens na tradição oral até sua relevância contemporânea como uma prática cultural, educativa e transformadora. Destaco como essa arte milenar se consolidou como um importante instrumento de preservação de conhecimentos, tradições e experiências humanas, conectando gerações e promovendo valores éticos e sociais. Também abordo o papel das narrativas na educação infantil, com ênfase no desenvolvimento integral das crianças, ao incentivar a imaginação, a criatividade e a construção de vínculos afetivos e sociais. A partir de orientações educacionais, como a BNCC e a LDB, enfatizo a importância de proporcionar experiências significativas, que integrem múltiplas linguagens e manifestações artísticas. O capítulo ainda explora estratégias práticas para a contação de histórias, destacando a preparação do narrador, a seleção criteriosa das narrativas e o uso de recursos lúdicos, como fantoches e objetos sensoriais.

No segundo capítulo: *Desenvolvimento da pesquisa no contexto da educação infantil: Definição do campo e escolhas metodológicas*, apresento a Escola Municipal de Educação Infantil Elôah Marisa de Menezes como o cenário da pesquisa, destacando seu papel na

comunidade e o legado da professora que lhe dá o nome. Caracterizo a turma do GIII C, composta por crianças de três anos, ressaltando sua diversidade cultural, social e cognitiva e a importância de estratégias pedagógicas adaptadas. Abordo a escolha das narrativas "O Peixe Arco-Íris" e "A Centopeia que Sonhava" por sua capacidade de promover valores como empatia e cooperação. Descrevo os métodos de coleta de dados, como observação participante e registros audiovisuais, enfatizando o impacto dos recursos visuais e da ambientação no engajamento das crianças. Destaco a contação de histórias como uma prática pedagógica essencial, capaz de unir ludicidade e aprendizado no desenvolvimento integral das crianças.

No terceiro capítulo: *Reflexões sobre o impacto da contação de histórias na Educação Infantil*, apresento uma análise detalhada das observações realizadas durante as sessões de contação de histórias, com foco nas narrativas *O Peixe Arco-Íris* e *A Centopeia que sonhava*, reiterando como essas histórias impactaram o desenvolvimento das crianças na educação infantil. Examino a recepção das histórias pelas crianças, destacando os valores essenciais promovidos, como empatia e colaboração e o papel crucial dos recursos visuais para intensificar o engajamento e facilitar a compreensão dos pequenos. Além disso, ressalto a importância dos materiais de registro, como fotos e filmagens, que desempenham um papel fundamental na análise das interações e comportamentos das crianças durante as atividades, permitindo uma reflexão mais profunda sobre os efeitos emocionais e pedagógicos da contação de histórias.

Por fim, apresento algumas Considerações Finais sobre a relevância da contação de histórias na educação infantil. Ao longo deste estudo, procurei evidenciar como as narrativas, quando aliadas a recursos visuais e práticas lúdicas favorecem o desenvolvimento socioemocional e cognitivo das crianças, questionando se essa abordagem é capaz de enriquecer o aprendizado e promover a socialização das crianças, ao desenvolver entre elas atitudes de empatia, solidariedade e cooperação.

II NARRATIVAS QUE INSPIRAM: COMO CONTAR HISTÓRIAS TRANSFORMA E EDUCA

A contação de histórias surgiu há milhares de anos. Antes mesmo da escrita, as histórias já eram contadas. As gerações transmitiam oralmente seus relatos para as próximas, a fim de que fossem preservados historicamente e culturalmente. Também seria uma forma de preservar as tradições de uma comunidade. Maria Isabel Alves Ramos, mestre em educação pela Universidade Estadual de Campinas e contadora de histórias, juntamente com Ana Elvira Wuo, professora doutora em Artes da Cena pela Universidade Estadual de Campinas, escrevem em “Ler e contar histórias: uma espiral mediadora na unidade corporal, lúdica e encantatória” que o ato de contar histórias possivelmente surgiu antes da escrita e pode ser uma das primeiras manifestações da humanidade.

Segundo as autoras, “há registros de contadores desde as sociedades primitivas e, da mesma forma, registros de contos e histórias difundidos por tais contadores” (Wuo; Ramos, 2014, p. 301). Essa prática milenar não apenas reflete a necessidade de comunicação e expressão, mas também evidencia a importância dos contadores de histórias como agentes de transmissão cultural e histórica. Como aponta Café (2015), essa figura dos contadores de histórias aparece como uma ação humana anterior à existência de palavras, manifestando-se de formas variadas em diversas culturas e contextos ao longo do tempo, sempre adaptando e inovando suas abordagens e conteúdos.

Mateus, *et al.* (2014) confirma que a contação de histórias é uma das atividades mais antigas que se tem notícia. Essa arte remonta à época do surgimento do homem há milhões de anos. Contar histórias e declamar versos constituem práticas da cultura humana que antecedem o desenvolvimento da escrita.

As narrativas das histórias são formas encontradas pela humanidade para compartilhar experiências, ensinamentos, conhecimentos e valores. Desde épocas remotas, até a contemporaneidade, a necessidade de expressar o sentido da vida, buscar explicações para nossas inquietações e transmitir valores entre gerações tem sido uma força motriz essencial para o ato de contar, ouvir e recontar histórias (Mateus *et al.*, 2014). Antigamente, a narração de histórias pode ter sido a principal forma de preservar e transmitir informações de geração para geração, pois, como Silva (2021, p. 1) observa, “nas sociedades antigas, contar histórias não tinha uma finalidade como hoje temos, as histórias eram contadas como conversa, passatempo

entre família e amigos em suas casas ou comunidades, um instrumento utilizado para passar informações através do tempo”.

Além disso, conforme Janiaski (2019b), a contação de histórias é uma prática que, embora milenar, se mantém contemporânea e relevante. Essa arte foi transmitida de geração em geração, inicialmente por meio da tradição oral e depois pela escrita, incorporando narrativas que vão desde histórias sagradas e mitológicas até relatos cotidianos. Desse modo, as histórias sempre desempenharam um papel crucial no ensino de costumes, valores éticos e sociais, fortalecendo a identidade cultural de uma comunidade e contribuindo para a transmissão de tradições. Hoje, as histórias continuam sendo uma importante forma de transmitir conhecimento e cultura, mas sua finalidade se ampliou, sendo usadas também para educar, conscientizar e motivar pessoas de todas as idades.

A autora Rigliski (2012) afirma que contar histórias nas sociedades tribais primitivas não tinha uma finalidade exclusivamente artística, mas existia os contadores que transmitiam e conservavam a história e os conhecimentos acumulados pelas gerações por meio das crenças, dos mitos, dos costumes e dos valores a serem preservados pela população local. Segundo ela, eram os mais velhos que contavam aos mais novos. Tudo repassado a partir da oralidade, não existindo nenhum registro escrito ou mais elaborados.

Daí se conclui que “a história é um instrumento que a humanidade desenvolveu com veículo para passar informações através do tempo” (Rigliski, 2012, p. 4). A arte de contar histórias é um instrumento poderoso para transmitir informações e conhecimento através dos tempos, permitindo que a cultura e a sabedoria das gerações passadas sejam preservadas e compartilhadas com as gerações futuras.

Segundo Brunkhorst, Ferreira e Ribeiro (2012), muitas das histórias contadas nas sociedades antigas seriam para que as tradições, crenças, mitos entre outros, pudessem ser repassadas no tempo e espaço. Muitas pessoas ao longo do tempo perceberam que tinham uma habilidade especial para narrar as histórias e poderiam usar esse dom, ou seja, utilizar esse talento a seu favor, e então começaram a se especializar nessa arte. Desse modo, aos poucos foram se tornando o centro da atenção popular pelo fato das narrações trazerem prazer, conhecimento e serem importantes para o público. Os autores citam como exemplo o pajé de muitas tribos indígenas. Somente ele guardava os segredos da arte do “dizer”, então caberia somente a ele transmitir as tradições dessas tribos às novas gerações para serem conservadas e veneradas através dos tempos.

A professora Maria Isabel Ramos escreve que, por meio dos mitos e histórias, os povos tradicionais davam sentido à vida e aos acontecimentos relativos a ela. O contador fazia uma apropriação da história ou do mito. Para transmitir conhecimento, ele fazia as modificações de acordo com o público que assistia. O conteúdo de tais narrativas abordadas eram fatos acontecidos com os contadores e contadoras ou com alguém conhecido de quem narrava. Por serem fatos reais, essas narrativas eram transmitidas como algo sagrado (Ramos, 2013).

A autora ainda pontua que, em muitas culturas, o ato de contar histórias era tão significante que tinha lugar e hora para acontecer. Nas sociedades mais antigas, as narrativas só podiam acontecer à noite, pois os membros da comunidade estavam presentes de corpo inteiro e longe dos momentos de trabalho e preocupações. Havia os rituais contra a cólera de deuses, maus espíritos e demônios. Para proteção de todos os participantes envolvidos, as narrações ocorriam em torno de uma fogueira ou em roda ou ao redor de uma mesa (Ramos, 2013).

As histórias contadas à noite se referiam ao período dos sonhos, nas quais as histórias e os mitos estavam ligados. Fazer essas narrações à noite também possibilitava reflexões a respeito da própria existência. A transmissão do conhecimento trazida pela figura do contador era considerada vital para quem ouvia essas histórias: “o contador era a figura, muitas vezes, tida como xamã, responsável pela transmissão de conhecimentos valiosos e sagrado para a sua comunidade” (Ramos, 2013, p. 39).

A contação de histórias é uma prática que se estende por milênios, servindo não apenas como meio de entretenimento, mas também como um instrumento vital de transmissão de conhecimento e cultura. Como discutido, a arte de contar histórias, que remonta a épocas antigas, é uma forma primária pela qual a humanidade compartilhou experiências e valores ao longo das gerações. Essa prática permanece relevante na contemporaneidade, com suas narrativas ainda refletindo aspectos fundamentais da condição humana.

Janiaski (2019b) ressalta que a maioria do conhecimento que temos é transmitido através da contação de histórias, seja oral ou escrita, indicando a presença contínua dessa arte em todas as culturas. Além disso, Café (2015) observa que os contadores de histórias têm um papel crucial na ressignificação cultural, adaptando e inovando suas abordagens ao longo do tempo, enquanto mantêm a essência dos valores que cada comunidade busca preservar. Portanto, a contação de histórias não só conecta as gerações passadas às gerações presentes, mas também enriquece a diversidade cultural, ao permitir que cada sociedade compartilhe e valorize sua história única.

Nesse contexto, a contação de histórias continua a desempenhar um papel essencial na vida humana, conectando o passado ao presente por meio da imaginação e da criatividade. Como destaca Oliveira (2022), essa prática permanece uma das mais belas expressões imaginativas, permitindo que as pessoas sonhem, emocionem-se e viajem para mundos desconhecidos. Escutar histórias transcende o simples ato de ouvir; é um exercício que alimenta a fantasia e os sonhos, elementos fundamentais que impulsionam o ser humano.

Dessa forma, ao promover o sonho e a imaginação, a contação de histórias reafirma sua relevância como uma ferramenta poderosa para nutrir a alma, enriquecer as experiências culturais e estimular o desenvolvimento integral em diferentes contextos e gerações.

2.1 Histórias que formam: A contação como caminho para a empatia e o desenvolvimento infantil de acordo com a BNCC e as Diretrizes

As narrativas na educação infantil são essenciais no desenvolvimento das habilidades cognitivas e sociais das crianças, promovendo a conexão com o mundo ao seu redor. Além de incentivar o interesse pela leitura e pela literatura, as histórias desempenham um papel pedagógico significativo. Tahan (1966) ressalta que as histórias expandem a linguagem infantil, estimulam a inteligência e desenvolvem habilidades como atenção, concentração e imaginação.

As crianças da educação infantil são sujeitos ativos em seu próprio processo de aprendizagem. Por isso, “precisam ser valorizados como indivíduos que constroem conhecimentos a partir das contações de histórias” (Lima, Braga *et al.*, 2022, p. 333). As crianças têm um protagonismo ativo na sua própria aprendizagem e precisam de um ambiente estimulante, criativo e respeitoso para se desenvolverem.

A contação de histórias, desse modo, torna-se fundamental no desenvolvimento das crianças, não apenas ao aguçar o prazer, a observação e a imaginação, como Janiaski (2019b) observa, mas também ao promover o desenvolvimento ético e a construção do conhecimento de forma lúdica. De acordo com Brunkhorst (2012), quando as histórias são associadas às artes — como música, dança, teatro ou artes visuais —, elas potencializam o prazer pela leitura, criando uma combinação cultural que favorece o desenvolvimento integral da criança.

Nesse contexto, Abramovich (1997) complementa essa visão ao afirmar que "o livro da criança que ainda não lê é a história contada", ressaltando que o ato de ouvir histórias permite às crianças a imersão em um mundo de fantasias e metáforas. Essa experiência não apenas estimula a imaginação e o pensamento crítico, mas, conforme Janiaski (2019a), também

transporta a criança para um estado de reflexão e aprendizado genuíno, evidenciando a importância do escutar ativo no processo educacional. Nesse sentido, a contação de histórias se revela uma ferramenta poderosa e multifacetada na formação de valores e competências nas crianças.

Abramovich (1997, p. 23) ainda afirma que ouvir histórias é importante e necessário, conforme destaca: “o ouvir histórias pode estimular o desenhar, o musicar, o sair, o ficar, o pensar, o teatrar, o imaginar, o brincar, o ver o livro, o escrever, o querer ouvir de novo (a mesma história)”. Várias habilidades podem ser desenvolvidas ao atentar-se para uma história. A criança usa a imaginação diante do que está vivenciando e desenvolve o seu aprendizado, pois:

[...] quando escutam o “era uma vez” ...começam a se transportar para um mundo particular, cheio de metáforas, memórias e fantasias, e se colocam em um estado de escuta, diferente do cotidiano e vão construindo um percurso próprio enquanto seguem o trajeto da narrativa que está sendo contada, o exercício da escuta permite um diálogo com a obra e um passeio por suas significações de forma genuína (Janiaski, 2019a, p. 200).

Do ponto de vista das legislações e diretrizes educacionais, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI) reforçam o papel da contação de histórias como instrumento fundamental para o desenvolvimento cognitivo, emocional e social das crianças, além de promover uma ampliação de seu repertório cultural. Nesse sentido, as instituições de educação infantil têm a função de garantir o contato das crianças com múltiplas linguagens, incluindo a narrativa oral e escrita, favorecendo seu desenvolvimento integral.

A criança é um ser em formação, tem capacidade de aprendizado e descoberta único. Elas também têm direitos a serem respeitados e devem ser protegidas. Nessa perspectiva, as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (DCNEI, Resolução CNE/CEB nº 5/2009), em seu Artigo 4º, definem a criança como um:

[...] sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (Brasil, 2009).

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), lei 9394/96 menciona no Artigo 29 que a educação infantil tem como principal objetivo promover o desenvolvimento integral da

criança de até cinco anos de idade, nos aspectos físico, psicológico, intelectual e social, somando à ação da família e da comunidade. Nesse sentido, entende-se que a escola, em parceria com a família e a comunidade, tem o papel de contribuir para o desenvolvimento da criança, oferecendo experiências educativas adequadas à sua faixa etária e demais necessidades.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) reforça que a educação infantil é o começo e o fundamento do processo educacional. É o primeiro passo para a criança ser inserida em uma situação de socialização estruturada. As instituições de educação infantil, ao receberem as crianças com suas vivências e conhecimentos adquiridos no âmbito familiar e na comunidade têm o objetivo de enriquecer o repertório de experiências, conhecimentos e habilidades desse público infantil, expandindo e fortalecendo novas aprendizagens, atuando de forma complementar à formação educacional familiar. Isso especialmente em se tratando da educação dos bebês e das crianças bem pequenas, devido às aprendizagens se aproximarem do contexto (familiar e escolar), como a socialização, a autonomia e a comunicação (Brasil, 2018).

Atualmente, a educação infantil é organizada por campos de experiências propostos pela BNCC, tendo como eixos estruturantes as brincadeiras e as interações como meios de apropriação do conhecimento e construção das aprendizagens. As Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (DCNEI, Resolução CNE/CEB nº 5/2009), em seu Artigo 9º, estabelece nos incisos I, II e III que seja garantida experiências que:

I - Promovam o conhecimento de si e do mundo por meio da ampliação de experiências sensoriais, expressivas, corporais que possibilitem movimentação ampla, expressão da individualidade e respeito pelos ritmos e desejos da criança;

II - favoreçam a imersão das crianças nas diferentes linguagens e o progressivo domínio por elas de vários gêneros e formas de expressão: gestual, verbal, plástica, dramática e musical;

III - possibilitem às crianças experiências de narrativas, de apreciação e interação com a linguagem oral e escrita, e convívio com diferentes suportes e gêneros textuais orais e escritos (Brasil, 2009).

Dentro das brincadeiras e interações é preciso criar oportunidades para que as crianças conheçam a si mesmas e o mundo ao redor com experiências que envolvam os sentidos, a expressão, o movimento corporal amplo e respeitando a fase de desenvolvimento de cada uma. A exploração e a experimentação de diferentes atividades sensoriais como tocar, cheirar, ouvir, ver e provar devem ser oportunizadas, possibilitando seu desenvolvimento integral. As crianças devem ser também encorajadas a se expressarem de maneira criativa por meio da fala, do desenho, da dança, da música ou de outras formas de expressão.

Cabe refletir sobre o inciso III citado acima que leva à compreensão de que é importante proporcionar às crianças experiências relacionadas às narrativas, à apreciação e à interação com a linguagem oral e escrita. Além disso, elas devem ter a oportunidade de conviver com diferentes formas de comunicação, como textos falados e escritos em diversos formatos e estilos. O incentivo à participação em atividades com experiências narrativas por meio de contação de histórias, nas quais as crianças possam ver, ouvir, imaginar e criar, pode possibilitar a ampliação do conhecimento delas, levando ao maior desenvolvimento do aprendizado.

As Diretrizes curriculares Municipais de Uberlândia (Uberlândia, 2020, p.88) chamam a atenção para o fato de que:

A Educação Infantil deverá oportunizar às crianças, o contato com as múltiplas linguagens de forma significativa em rodas de conversas com momentos de escuta e fala, em brincadeiras, histórias, músicas, entre outras atividades que potencializam e ampliam o vocabulário, desenvolvam a oralidade e a comunicação, a expressão corporal, a imaginação e a construção do pensamento de cada uma. Ao estarem em contato com diversos gêneros textuais, os bebês e as crianças constroem hipóteses, imaginam, descobrem e criam possibilidades para interpretar e compreender o mundo em que o rodeia, como sujeitos ativos que reconhecem a função social da leitura e da escrita.

As Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (DCNEI, Resolução CNE/CEB nº 5/2009), em seu Artigo 9º, inciso IX reforçam que devem ser garantidas às crianças da educação infantil experiências que “promovam o relacionamento e a interação das crianças com diversificadas manifestações de música, artes plásticas e gráficas, cinema, fotografia, dança, teatro, poesia e literatura” (Brasil, 2009).

Nesse sentido, entende-se que as crianças devem ter a oportunidade de vivenciar e explorar essas diferentes manifestações artísticas. Serem encorajadas a se expressarem artisticamente por meio das artes plásticas, como desenho, pintura e modelagem. Podem ser apresentadas ao cinema e à fotografia, oportunizando-as a assistirem filmes adequados à faixa etária, estimulando o aprendizado de observação e interpretação de imagens. Ressalta-se, porém, que a vivência teatral também pode ser explorada, seja por meio de simples encenações, contações de histórias, jogos de faz de conta ou participação em pequenas peças teatrais. A poesia e a literatura também são fundamentais no processo de desenvolvimento na educação infantil. É importante que as crianças tenham acesso a diversos tipos de textos como histórias, poemas, contos e fábulas e devem ser estimuladas a explorar a linguagem escrita, a imaginar e criar suas próprias narrativas.

Conforme o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI), a escuta de histórias propicia o desenvolvimento da oralidade. Ao fazer leitura de textos escritos para as crianças o professor fornece para as elas um repertório rico em oralidade e em relação a escrita. Esse documento ainda considera que:

O ato de leitura é um ato cultural e social. Quando o professor faz uma seleção prévia da história que irá contar para as crianças, independentemente da idade delas, dando atenção para a inteligibilidade e riqueza do texto, para a nitidez e beleza das ilustrações, ele permite às crianças construírem um sentimento de curiosidade pelo livro (ou revista, gibi etc.) e pela escrita. (Brasil, 1998. p. 135).

Quando o professor realiza uma seleção prévia da história que será contada, ele se prepara para despertar nas crianças a curiosidade ao apresentar narrativas com uma linguagem clara e cativante, aliadas a imagens que estimulam a imaginação. Isso contribui para que as crianças se envolvam emocionalmente com a história.

2.2 Despertando a imaginação: Estratégias e recursos na contação de histórias

Contar histórias vai além da simples narração, pois é uma arte que envolve tanto a criação de vínculos quanto o estímulo à imaginação e ao aprendizado. Segundo Café (2005), todo contador ou contadora que deseja apresentar sua história com mais desenvoltura precisa desenvolver alguns critérios durante sua atuação:

De acordo com autores dedicados aos estudos da arte de contar histórias, pode-se contar qualquer história, desde que a mesma seja bem conhecida pelo contador. E, também que, o critério de seleção é o narrador, além de ser de sua responsabilidade criar um clima de envolvimento e encanto (Café, 2005 *apud* Wuo; Ramos, 2010, p. 303).

Nesse sentido, os contadores de histórias envolvem e cativam o público ao narrar e interpretar utilizando sua voz, gestos, expressões faciais e corporais. Dessa maneira, se estabelece uma interação específica com público e com o texto que está sendo narrado/contado, provocando maior aproximação das relações obra-leitor e contador-ouvinte (Café, 2000).

A escolha da história é um aspecto muito importante a ser considerado no contexto educacional, por exemplo, e deve ser feita com cuidado e atenção, levando em consideração o perfil da turma, a faixa etária, o contexto e o objetivo da contação. Tahan (1966, p. 15) pontua que “A história, bem escolhida e bem orientada, pode servir como viga-mestra na grande obra

educacional”. Nesse sentido, a história escolhida pode capturar atenção das crianças e manter o interesse delas durante toda a narração e atingir os objetivos propostos.

Abramovich (1997) vem confirmar esse critério ao apontar que a seleção da história fica a critério do narrador, mas o conhecimento prévio do texto pode ser um aliado na fluência da contação e na atenção do espectador. Qualquer história pode ser contada, desde que se tenha conhecimento prévio e se saiba conduzir o momento após a narração. Isso depende do quanto familiarizado o narrador está com as crianças e como pretende aproveitar o texto naquele momento.

Saber contar histórias de maneira envolvente exige preparo e atenção aos detalhes para garantir que a experiência seja significativa para as crianças. Abramovich (1997, p. 20) menciona que ao contar uma história, é importante evitar improvisações descuidadas. Pegar qualquer livro na estante, demonstrar pouco conhecimento do livro, pronunciar palavras e nomes incorretamente, ou tropeçar nos nomes dos personagens, tudo isso contribui para o fracasso da contação. A preparação antecipada permite fluidez na narrativa e transmite “a emoção verdadeira, aquela que vem lá de dentro, lá do fundinho e que, por isso, chega no ouvinte”.

Neste mesmo pensamento, Wuo e Ramos (2010) destacam que o leitor-narrador, antes de contar a história, deve ler o livro e observá-lo várias vezes para, assim, passar emoção de verdade e conseguir fazer com que ela possa chegar ao ouvinte. “Deve transmitir confiança, motivar a atenção e despertar admiração” (Wuo; Ramos, 2010, p. 203).

Desta forma, familiarizar-se com o enredo, os diálogos e os personagens da história a ser contada é uma tarefa indispensável ao contador, pois o conhecimento profundo permite uma narrativa fluida e envolvente e um clima de envolvimento e encanto deve ser criado pela pessoa narradora. É o que indica Abramovich (1977, p. 21), ao compartilhar algumas orientações para o texto:

Que saiba dar pausas, criar intervalos, respeitar o tempo para o imaginário de cada criança construir seu cenário, visualizar seus monstros, criar seus dragões, adentrar pela casa, vestir a princesa, pensar na cara do padre, sentir o galope do cavalo, imaginar o tamanho do bandido e outras coisas mais.

Seguindo essas orientações, a contadora ou o contador pode possibilitar o despertar da imaginação das crianças e criar um clima de suspense, mistério, alegria ou tristeza, de acordo com o enredo da história. Então, o uso de recursos como pausas, mudanças de entonação da

voz, variação de ritmo e intensidade e expressões corporais e faciais são meios que possibilitam o entendimento da criança e o aprendizado.

Abramovich (1997) usa da expressão “Ah, é bom”, destacando dicas para manter a pessoa que conta a história acessível às crianças e mantê-las envolvidas, atentas e sem distrações desnecessárias.

AH, É BOM EVITAR DESCRIÇÕES IMENSAS E CHEIAS DE DETALHES, deixando o campo mais aberto para o imaginário da criança. Ela quer ouvir mais as conversas, as ações, os acontecimentos.

AH, É BOM SABER USAR AS MODALIDADES E POSSIBILIDADES DA VOZ: sussurrar quando a personagem fala baixinho ou está pensando em algo importantíssimo; é bom levantar a voz quando uma algazarra está acontecendo, ou falar de mansinho quando a ação é calma... Ah, é bom falar muito baixinho , de modo quase inaudível, nos momentos de reflexão ou de dúvida, e usar humoradamente as onomatopeias , os ruídos, os espantos... Ah, é bom fundamental dar longas pausas quando se introduz o “Então...”, para que haja tempo de imaginar as muitas coisas que estão para acontecer em seguida...

AH, É BOM SABER COMEÇAR O MOMENTO DA CONTAÇÃO, talvez do melhor jeito que as histórias sempre começaram, através da senha mágica “Era uma vez...”, ou de qualquer outra forma que agrade ao contador e aos ouvintes... (Abramovich, 1997. p. 21).

É importante permitir que as crianças usem sua imaginação de forma livre. Elas querem ouvir mais diálogos, ações e eventos que acontecem na história. A exploração das diferentes modalidades e possibilidades da voz ao interpretar os personagens, como sussurrar em momentos de fala baixa ou pensamentos importantes, elevar a voz para sugerir barulho no ambiente e falar suavemente em momentos de calma, é relevante para manter o envolvimento das crianças.

Ao seguir essas diretrizes, o (a) contador (a) não apenas compartilha histórias, mas cria experiências que transcendem a simples transmissão de informações, enriquecendo o aprendizado e proporcionando um ambiente propício para o desenvolvimento da imaginação e do vínculo entre quem narra e o ouvintes. Como afirma Sisto (2012, p. 143), "A arte de contar exige um fazer anterior, um preparo, um domínio prévio, um conhecimento, estudo, ensaio, profundidade". Essa reflexão ressalta que a contação de histórias não é apenas uma atividade casual, mas uma prática que demanda dedicação e imersão profunda no universo narrativo, corroborando a ideia de que a verdadeira maestria na arte de contar histórias vai além da técnica, abraçando a conexão pessoal e a paixão genuína pelo ato de narrar.

O uso de recursos visuais na contação de histórias, especialmente na educação infantil, se destaca como uma poderosa ferramenta pedagógica, trazendo elementos que facilitam o

aprendizado, a interação e o engajamento das crianças. Como apontam Souza e Bernardino (2011), o ambiente em que a história é contada precisa ser cuidadosamente preparado para criar uma atmosfera de imersão, com espaço físico adequado e ausência de distrações.

Isso porque recursos como tapetes coloridos, baús com livros e fantoches também contribuem para tornar o espaço mais aconchegante e estimulante para a imaginação das crianças (Souza; Bernardino, 2011). Além disso, Janiaski e Oliveira (2023) destacam que recursos como tecidos, bonecos, teatro de sombras, avental, objetos e máscaras podem atuar como elementos poéticos e estéticos, enriquecendo a experiência ao incentivarem o acesso a narrativas diversificadas.

A inclusão de elementos visuais na contação de histórias facilita a compreensão e amplifica o interesse das crianças. Janiaski (2019b) enfatiza que essa prática promove uma experiência de comunhão e troca entre o contador e o ouvinte, essencial para despertar o envolvimento lúdico e o prazer pela narrativa. A ludicidade, seja por meio de gestos expressivos, objetos visuais ou entonação de vozes, conecta a história ao mundo das crianças, tornando o aprendizado mais natural e significativo (Janiaski, 2019b). Silva e Alves também defendem que a apresentação de recursos visuais, como ilustrações e objetos relacionados à narrativa, associados a entonações diferenciadas, pode tornar a experiência mais visual e interessante, proporcionando ainda mais dinamismo e incentivando a participação ativa das crianças.

Além disso, para crianças menores de três anos a conexão com o concreto ainda é fundamental. Histórias que abordam atividades cotidianas, como limpar a casa ou fazer um bolo, são mais acessíveis e aumentam o interesse quando acompanhadas de recursos visuais, como brinquedos e figuras. Entre os três e quatro anos, quando as crianças já começam a explorar a imaginação de forma mais profunda, esses recursos ganham ainda mais relevância. Nesse contexto, o uso de fantoches, livros ilustrados e encenações captura a atenção de forma ainda mais eficaz, tornando a experiência da narrativa mais vivida e interativa (Souza; Bernardino, 2011).

Os (as) contadores (as) de histórias na educação infantil contam com uma ampla variedade de recursos visuais e lúdicos para enriquecer suas apresentações. Faria *et al.* (2017) sugerem o uso de fantasias, acessórios, dedoches e instrumentos musicais como exemplos de ferramentas que dão vida às histórias e ajudam a concretizar o imaginário infantil, intensificando a expressão de sentimentos e o desenvolvimento da linguagem. Dessa forma, a contação de histórias com o apoio de recursos visuais oferece não apenas uma experiência

estética rica, mas também uma oportunidade de desenvolvimento integral, favorecendo o aprendizado, o imaginário e a construção de conhecimentos fundamentais na infância.

III DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL: DEFINIÇÃO DO CAMPO E ESCOLHAS METODOLÓGICAS

3.1 História do espaço da Escola Municipal de Educação infantil Elôah Marisa de Menezes

A história da Escola Municipal de Educação Infantil Professora Elôah Marisa de Menezes é um testemunho de dedicação e compromisso com a educação, inspirado pela figura extraordinária que foi a professora Elôah, homenageada com o nome dessa escola. Desde sua inauguração, em 12 de março de 2012, a escola tem sido um farol de aprendizado e desenvolvimento para as crianças que têm a sorte de passar por suas portas azuis.

Ao adentrar em seu longo corredor, aqueles que por ali frequentam podem se deliciar com um belo gramado verde ao lado direito e ao lado esquerdo; ao centro um amplo refeitório que divide as turmas integrais e parciais, nem se fala do gramado ao fundo da escola que é um verdadeiro playground natural, onde as crianças têm a liberdade de serem como pássaros, voando livremente em suas brincadeiras, correndo e explorando o mundo ao seu redor. É um espaço onde a imaginação não tem limites e onde a alegria e a diversão são os protagonistas do dia a dia.

A Professora Elôah escolheu Uberlândia como seu lar, local onde construiu sua vida, casou-se e formou uma família. Sua trajetória acadêmica foi marcada por atividades como professora do Ensino Médio e Superior, orientadora educacional em renomadas escolas, como a E.M. Prof. Domingos Pimentel de Ulhôa, E.M. Milton Porto de Magalhães E.M. Prof. Luís Rocha. Além disso, ela exerceu o papel de diretora no Centro Municipal de Estudos e Projetos Educacionais Julieta Diniz (Cemepe). Em 2008, a comunidade educacional perdeu essa ilustre professora, que nos deixou um legado inspirador de vida e dignidade.

A Escola Professora Elôah Marisa de Menezes, entidade pública, é parte integrante da Rede Municipal de Ensino de Uberlândia. Sua construção foi viabilizada pelos recursos do Programa Pró-Infância, visando atender à demanda da Educação Infantil nos bairros Taiaman e regiões adjacentes, como Dona Zulmira, Jardim Patrícia, Guarani e Tocantins.

A proposta pedagógica da escola abraça a Educação Básica, com foco especial na Educação Infantil para crianças de zero a cinco anos. Oferecendo períodos integral e parcial, manhã e tarde, conforme estipulado pela Lei 9.394/1996, Lei Complementar nº 11.046/2011 e

Portaria nº 10/2012. A escola busca proporcionar um ambiente educativo rico em estímulos, respeitando as particularidades de cada criança.

Ao olharmos para essa escola, enxergamos não apenas uma instituição de ensino, mas um espaço que carrega consigo a memória e valores de uma educadora que dedicou sua vida ao aprimoramento da educação. Essa história, entrelaçada com o compromisso de cultivar o conhecimento desde a infância, é um testemunho da importância dessa escola na comunidade local e na continuidade do legado de Elôah Marisa de Menezes.

Figura 4 – Entrada da Emei Elôah



Fonte: Da própria autora (2022)

Figura 5 – Parque gramado da Emei Elôah



Fonte: Da própria autora (2024)

3.2 Delimitando o público: crianças de três anos como foco da pesquisa

A Educação Infantil é uma fase crucial no desenvolvimento das crianças, em que as experiências educacionais moldam aspectos fundamentais de suas vidas. Nesse contexto, a contação de histórias se destaca como uma prática pedagógica enriquecedora, contribuindo para o desenvolvimento linguístico, cognitivo e socioemocional. Para compreender plenamente os efeitos dessa abordagem, é imperativo entender a dinâmica da turma pesquisada, objeto desta pesquisa.

O grupamento de GIII¹ C - Turma do Leão, vespertino, na Escola Municipal de Educação Infantil Elôah Marisa de Menezes, situada na rua das Rabecas, número 30, bairro Taiaman, no município de Uberlândia- MG, foi a turma escolhida para a realização do trabalho empírico. A turma é composta por 24 crianças, que representa uma diversidade marcante em termos de origens étnicas, socioeconômicas e culturais. Essa heterogeneidade adiciona camadas significativas ao ambiente educacional, proporcionando um caldeirão de experiências e perspectivas que influenciam diretamente a receptividade à contação de histórias. Como professora RII no campo de experiência "Traços, sons, cores e formas", venho acompanhando

¹ Grupamento das “Crianças bem pequenas”, conforme Base Nacional Comum Curricular – BNCC, ou seja, de três anos a três anos e onze meses, conforme Diretrizes Curriculares Municipais – DCMs de Uberlândia.

essa turma desde 2022, motivo pelo qual esse grupo foi escolhido, o que me permite uma compreensão mais aprofundada de suas dinâmicas e potencialidades.

A diversidade nos níveis de desenvolvimento cognitivo e linguístico é evidente na turma. Algumas crianças já demonstram habilidades verbais mais avançadas, enquanto outras estão explorando as primeiras palavras. Nesse contexto, destaca-se a importância de estratégias adaptativas na abordagem da contação de histórias, visando atender às diferentes necessidades e estimular o interesse de cada criança.

A análise inicial aponta para a necessidade de uma abordagem flexível na implementação da contação de histórias, levando em consideração a diversidade presente na turma. Estratégias que promovam a participação ativa de todas as crianças e respeitem seu ritmo individual emergem como prioridades na concepção da pesquisa. Com isso, essa caracterização da turma de Educação Infantil GIII parcial tarde oferece uma visão detalhada e multidimensional do contexto em que a pesquisa sobre contação de histórias foi realizada.

A etapa subsequente desta pesquisa consistiu em aprofundar a análise, explorando como a contação de histórias pode ser otimizada para promover o desenvolvimento integral das crianças nesse ambiente específico.

A metodologia de pesquisa adotada foi de natureza qualitativa, seguindo uma abordagem descritiva nos moldes de uma pesquisa participante. A pesquisa qualitativa busca compreender e interpretar, de forma aprofundada, os fenômenos sociais e humanos, levando em consideração a perspectiva dos participantes.

Sob essa ótica, Gil (2021) salienta que a pesquisa qualitativa busca conhecer a essência de um fenômeno, descrever a experiência vivida de um grupo de pessoas, compreender processos integrativos ou estudar casos em profundidade. O que se busca com a pesquisa qualitativa é, mediante um processo não matemático de interpretação, descobrir conceitos e relações entre os dados e organizá-los em um esquema explicativo. Trata-se, portanto, de uma modalidade de pesquisa de caráter essencialmente interpretativo, em que os pesquisadores estudam coisas dentro dos contextos naturais destas, tentando entender ou interpretar os fenômenos em termos dos significados que as pessoas lhes atribuem (Gil, 2021, p. 15).

Esta pesquisa se desdobrou, desde a fase inicial de levantamento bibliográfico, com análise de estudos anteriores sobre a contação de histórias e outros campos comuns, o que mostrou-se fundamental para estabelecer as bases do estudo e, assim, desenvolver uma compreensão aprofundada do tema em questão. Essa primeira fase permitiu a familiarização

com os principais conceitos e abordagens relevantes ao tema da pesquisa, fornecendo um embasamento para suas próximas etapas.

Na condução desta pesquisa, foram empregados instrumentos de coleta de dados a fim de obter informações abrangentes e enriquecedoras. A observação participante proporcionou uma imersão no contexto de estudo, possibilitando a observação direta das interações, comportamentos e dinâmicas presentes. Gil (2019, p. 121) afirma que a observação participante “consiste na participação real do pesquisador na vida da comunidade, da organização ou do grupo.” Ainda segundo ele, “é um método em que o pesquisador procura colocar-se no lugar das pessoas que estão sendo investigadas. É, pois, um método que reduz a distância entre o pesquisador e as pessoas que estão sendo estudadas” (Gil, 2021, p. 121).

Conforme Ludke e André (1986), para que a observação seja considerada confiável e útil na pesquisa científica, é essencial que ela seja organizada e estruturada. Isso requer um planejamento minucioso do estudo e uma preparação rigorosa por parte do observador. O que observar e como observar devem ser determinados com antecedência. Dessa maneira, fica mais claro como seguir na pesquisa. É necessário que o observador faça registros descritivos e saiba separar os detalhes importantes dos irrelevantes para o estudo. É preciso preparação para a observação e se concentrar nos aspectos relevantes.

Segundo Ludke e André (1986), é importante que o observador oriente sua observação voltada para alguns aspectos e registre informações relevantes à pesquisa. O conteúdo da observação deve conter uma parte descritiva e uma reflexiva. Dentro da parte descritiva, é importante fazer registro minucioso dos acontecimentos no campo observado. Na parte reflexiva das anotações é importante colocar as observações do pesquisador colhidas no período da coleta.

O diário de campo foi um instrumento valioso para o registro e reflexão sobre as observações e experiências vivenciadas durante o processo de coleta de dados. Por meio desse instrumento foi possível registrar as impressões, percepções e reflexões acerca do objeto de estudo. Além disso, permitiu o acompanhamento e registro sistemático das atividades e eventos ocorridos ao longo da pesquisa, auxiliando na organização dos dados. Kroef, Gavillon e Ramm (2020) destacam que a utilização dos diários de campo como ferramenta de pesquisa possibilita explorar os aspectos de envolvimento do pesquisador com o campo da investigação. Essa abordagem de escrita abrange a descrição dos procedimentos da análise, o registro das atividades realizadas ao longo do percurso e funciona como uma narrativa textual das impressões do pesquisador.

Filmagens e fotos foram recursos audiovisuais que também contribuíram no processo de coleta de dados. Essas ferramentas foram importantes para registrar e documentar as atividades e interações que ocorreram durante as sessões de contação de histórias. Por meio das filmagens foi possível capturar os gestos, expressões faciais e entonações de voz das crianças, bem como suas reações e participação ativa no processo de contação.

As fotos, por sua vez, registraram os cenários, recursos visuais e demais elementos utilizados durante as sessões. Esses registros visuais foram valiosos para enriquecer a descrição e análise das práticas de contação de histórias, possibilitando uma compreensão mais ampla e detalhada dos aspectos relacionados ao desenvolvimento das crianças na educação infantil. Além disso, eles também serviram como recursos visuais para a apresentação dos resultados da pesquisa, compartilhando as experiências e evidências coletadas com outros interessados na investigação sobre a contação de histórias na educação infantil.

3.3 Teias de imaginação: O processo de escolha das narrativas

A escolha das histórias "O Peixe Arco-Íris", de Marcus Pfister, e "A Centopeia que Sonhava", de Herbert de Souza Betinho, revela a intenção de explorar narrativas que promovam valores essenciais para o desenvolvimento social das crianças na Educação Infantil.

O processo de seleção e escolha, conforme delineado por Sisto (2012), é um exercício que demanda uma cuidadosa definição prévia de critérios, metodologias e objetivos que guiarão a própria seleção. Esse empreendimento é equiparado a um laborioso trabalho de pesquisa, envolvendo a leitura atenta de numerosas histórias e uma busca incansável, até que aquelas que se destacam e nos comunicam algo de maneira única se revelem. O primeiro passo desse intrigante processo parece envolto em mistério, pois exige a capacidade de perceber algo especial nas narrativas selecionadas.

Segundo Café (2015), o primeiro e talvez mais importante critério para escolher uma história para contar é conhecer muitas histórias, tanto de livros quanto orais, e se apaixonar por uma delas a ponto de querer compartilhá-las imediatamente. Dessa forma, a habilidade de identificar e selecionar histórias que ressoam pessoalmente com o contador é crucial para o sucesso deste processo meticoloso de seleção. Sisto (2012) ressalta a importância de sentir uma conexão única com o conto, argumentando que a habilidade de contar uma história de maneira eficaz está intrinsecamente ligada à capacidade de ser tocado de forma especial por ela, fazendo vibrar algo profundo em nosso íntimo. Nesse contexto, meu encanto pessoal por ambas as

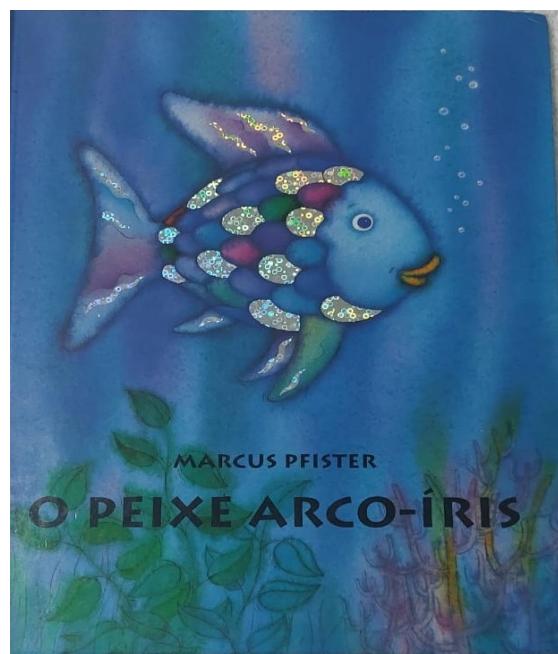
histórias desempenha um papel vital, pois acredito que a verdadeira maestria na contação de histórias emerge quando há uma sincera afinidade emocional com o enredo.

Como afirma Busatto (2003), “ao contar doamos o nosso afeto, a nossa experiência de vida, abrimos o peito e compactuamos com o que o conto quer dizer. Por isso torna-se fundamental que haja uma identificação entre o narrador e o conto narrado” (p. 47). Esse sentimento não só influencia a seleção, mas também aprimora a habilidade de compartilhar o sentido das histórias com autenticidade, tornando a contação uma experiência mais rica e significativa.

Ambas as histórias foram selecionadas por sua capacidade de abordar temas pertinentes à empatia, como o compartilhar, a amizade e o respeito ao próximo. "O Peixe Arco-Íris" é uma narrativa encantadora sobre amizade que ensina a importância de se compartilhar. A história apresenta um lindo peixe com escamas coloridas que, inicialmente, reluta em dividir suas cores com os demais habitantes do oceano. No decorrer da trama, o peixinho experimenta a solidão e a tristeza ao se isolar, mas, ao aprender a compartilhar suas escamas, descobre o verdadeiro valor da amizade. Esse conto oferece uma mensagem lúdica e emocionante sobre a aceitação e valorização das diferenças, destacando como a partilha de nossos bens mais valiosos pode enriquecer nossas relações interpessoais.

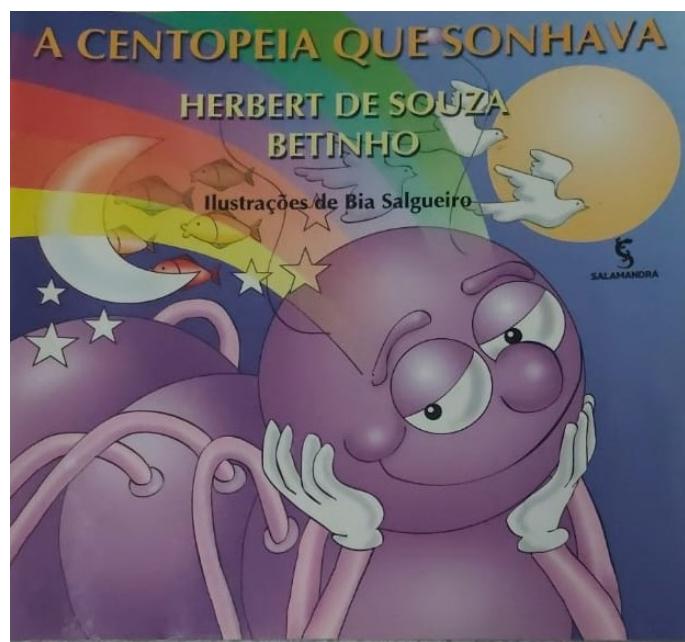
Já "A Centopeia que Sonhava" nos conduz por uma narrativa envolvente que ressalta a importância da colaboração para a realização de sonhos. A trama nos mostra que, sozinhos, podemos muito pouco, mas quando nos ajudamos mutuamente, conseguimos alcançar nossos objetivos e aspirações. A sensibilidade presente na história evidencia a relevância de sonhos compartilhados, criando um vínculo entre os personagens que ilustra como a empatia e a compreensão mútua são fundamentais para o alcance dos nossos mais profundos anseios. Betinho, com maestria, nos convida a refletir sobre a poderosa força que surge quando unimos esforços na busca por nossos sonhos coletivos.

Figura 6 – Livro da História: O Peixe Arco-íris



Fonte: Foto do livro capturada pela autora (2024)

Figura 7 – Livro da história: A centopeia que sonhava



Fonte: Foto do livro capturada pela autora (2024)

Ambas as histórias são ricas em elementos visuais e emocionais, proporcionando um terreno fértil para explorar como a contação de histórias, associada a recursos visuais, pode contribuir significativamente para a participação ativa das crianças na Educação Infantil. Esses

recursos podem potencializar a compreensão e a assimilação das mensagens transmitidas nas narrativas, tornando a experiência mais sensorial e participativa.

As narrativas em questão são objetos familiares em meu repertório, sendo frequentemente compartilhadas em ambientes de sala de aula. Quanto mais a história for conhecida e experimentada, mais aparente é sua naturalidade, evidenciando a importância de incorporar essas histórias no contexto educacional para promover um aprendizado significativo e contextualizado (Café, 2000).

A escolha dessas histórias foi fundamentada na convicção de sua influência significativa no desenvolvimento da empatia das crianças da educação infantil. Em conformidade com a perspectiva de Sisto (2012), a habilidade de contar histórias atinge sua plenitude quando a narrativa é imbuída de afeto, estudo aprofundado e é comunicada com entusiasmo, convicção, detalhes e emoção. A prática de repetir essas histórias para elementos inanimados, como paredes, teto, espelho, e até mesmo para os próprios filhos, revela-se essencial para internalizar a narrativa de maneira autêntica.

Ademais, introduzir tais narrativas no contexto educacional não apenas proporciona momentos de encantamento, mas também se configura como uma estratégia pedagógica enraizada em fundamentos teóricos e práticos. Acredito que ao incorporar essas narrativas no ambiente de aprendizagem, ofereço às crianças uma plataforma rica para o desenvolvimento de suas habilidades sociais e emocionais. Desse modo, por meio dessas histórias, as crianças podem explorar, compreender e internalizar conceitos cruciais para sua formação, participando de um processo educacional que transcende a mera transmissão de conhecimento, tornando-se, assim, enriquecedor e profundamente significativo.

Nesse viés, a escolha dessas narrativas alinha-se aos objetivos da pesquisa, que busca analisar as contribuições de práticas de contação de histórias com o uso de recursos visuais no desenvolvimento da empatia das crianças da educação infantil.

A proposta deste trabalho foi analisar como essas histórias específicas influenciam nas interações e a participação das crianças durante os momentos de contação, oferecendo *insights* valiosos sobre a eficácia dessa abordagem para promover a socialização positiva e o desenvolvimento socio emocional na fase inicial da educação formal.

Ao explorar essas narrativas encantadoras e envolventes, a pesquisa busca revelar o potencial mágico da contação de histórias na formação de crianças sensíveis e conscientes das relações interpessoais na Educação Infantil.

3.4 Contando Histórias e Cultivando Empatia: Uma Abordagem Prática

Ao planejar a contação de histórias para crianças, é essencial considerar e pensar cuidadosamente a utilização dos diversos meios disponíveis, pois a narrativa é uma arte que equilibra o que a criança ouve e sente. Silva (2021) enfatiza que ao se tratar de crianças, a contação de histórias deve ser realizada com calma, sensibilidade e recursos extremamente dinâmicos. Essa abordagem não apenas cativa a atenção dos pequenos ouvintes, mas também enriquece sua experiência sensorial e emocional. Com base nesses princípios, a escolha dos recursos visuais utilizados na contação de histórias nesta pesquisa foi analisada, considerando sua eficácia na promoção de um ambiente lúdico e envolvente.

Sisto (2020) sublinha a importância de se adaptar a narrativa de uma história de acordo com o público-alvo e o contexto em que será contada, ressaltando a necessidade de uma linguagem acessível e que não comprometa o estilo original do texto. Essa abordagem é fundamental para garantir que a história seja compreendida e apreciada pelos ouvintes, ao mesmo tempo em que preserva sua integridade literária.

A adequação ao espaço e ao público permite que a história ressoe de forma mais significativa, facilitando a conexão emocional e intelectual dos ouvintes com o conteúdo. Por isso, a sensibilidade na escolha e adaptação da linguagem e do estilo é crucial para a eficácia da contação de histórias, tornando-a uma ferramenta poderosa na educação e na transmissão de valores culturais.

Silva e Ribeiro (2017) ressaltam que é responsabilidade do (a) professor (a) desenvolver estratégias adequadas à faixa etária das crianças, com o objetivo de maximizar os benefícios que a contação de histórias pode lhes oferecer. Pensando em tornar o momento mais atrativo e aguçar a imaginação e criatividade das crianças, as histórias foram exploradas em dias diferenciados.

O Peixe Arco-Íris foi a primeira história contada e encontra-se nos anexos desta pesquisa. Essa atividade ocorreu no dia 24 de setembro de 2024, logo após o horário de entrada das crianças. A escolha do momento específico foi estratégica, uma vez que as demandas escolares em outros horários envolviam o desenvolvimento de diversas atividades pelas crianças. Souza e Bernardino (2011) apontam que o horário adequado para a contação de histórias é aquele em que as crianças estão relaxadas, facilitando a reflexão sobre o conteúdo. Momentos como antes do recreio, do almoço ou ao final do dia são considerados ideais para maximizar essa experiência.

A contação de histórias foi realizada na própria sala da turma do Leão - GIII C, considerando que a instituição não dispõe de outros espaços com dimensões adequadas para acomodar o grupo de forma eficiente. A sala de aula foi cuidadosamente preparada para garantir que todos os alunos tivessem plena visibilidade e pudessem ouvir claramente durante o momento da contação. O ambiente, organizado de forma estratégica, ofereceu um espaço apropriado para o desenvolvimento da atividade, favorecendo a interação entre os participantes e o envolvimento com a narrativa. As crianças foram convidadas a se sentarem em cadeiras, o que facilitou a interação visual e auditiva com a professora contadora.

A disposição dos assentos e a escolha do local de apresentação buscaram permitir que as crianças acompanhassem tanto a contadora quanto os elementos visuais de forma integral, maximizando o impacto visual e auditivo da história. Como afirma Café (2000), é essencial que o local escolhido permita que o (a) contador (a) alcance todo o espaço com seu volume de voz natural, garantindo uma acústica que possibilite a todos ouvirem sem esforço.

Isso assegurou uma experiência inclusiva para que todas as crianças se envolvessem na atividade. Os personagens peixes, polvo e estrela do mar da história, ilustrados na figura 8 e 9, foram confeccionados de bexigas e foram estrategicamente posicionados nos espaços da sala. Esses elementos visuais, cuidadosamente planejados e apresentados, contribuíram para criar uma atmosfera imersiva e lúdica, capturando a atenção e estimulando a imaginação das crianças.

Figura 8 – Imagem dos personagens da história



Fonte: Da própria autora (2024)

Figura 9 – Peixes da história confeccionados de bexiga



Fonte: Da própria autora (2024)

Os peixes foram suspensos por elásticos para facilitar o manuseio, locomoção e visualização pelas crianças, permitindo uma movimentação fluida pelo ambiente durante a contação da história. O polvo foi estrategicamente posicionado no teto em um canto da sala. Todo o espaço da sala foi ambientado como se fosse o fundo do mar, garantindo uma melhor visibilidade e proporcionando uma imersão total na narrativa. Como afirmam Janiaski e Oliveira (2023, p. 73), "Um espaço organizado, com os objetos escolhidos e dispostos especificamente para um propósito, tem o potencial de estimular os sentidos de qualquer pessoa, mas especialmente das crianças".

Como professora contadora, vesti-me com uma roupa colorida para captar a atenção das crianças e despertar seu interesse, criando um ambiente lúdico e envolvente durante a contação da história. Silva (2021) destaca a importância da caracterização na contação de histórias, ressaltando que a utilização de diversos recursos, incluindo a própria caracterização da contadora, é essencial para tornar essa prática mais atraente e prazerosa para as crianças. Por meio de vestimentas coloridas e adereços específicos, a contadora de histórias pode capturar a atenção dos pequenos e pequenas ouvintes, tornando a narrativa mais atrativa e estimulante.

As crianças foram recebidas em um espaço distinto dentro da escola, onde, sentadas em rodinha de conversa, foram informadas sobre a participação em um momento muito especial: uma sessão de contação de histórias. Nesse instante, expliquei que essa atividade fazia parte da minha pesquisa de mestrado, conduzida por mim, Leidiane, a professora contadora da história.

Informei também a elas que iriam ouvir a história de um peixinho muito especial e, para criar um clima adequado, cantaríamos algumas músicas de peixinhos. Cantamos "Se eu fosse um peixinho e soubesse nadar..." e também "Ganhei um peixinho lindo e vermelhinho...". Essa abordagem, conforme destaca Sisto (2020), permitiu a introdução do tema de forma leve e lúdica, sem recorrer a explicações diretas, contribuindo para a criação de uma expectativa positiva nas crianças em relação à história que viria a seguir. Após essa conversa introdutória, elas foram conduzidas até a sala de aula, preparada para estimular sua imaginação e envolvimento durante a contação.

Na realização da contação, o ambiente cuidadosamente preparado desempenhou um papel fundamental na interação das crianças com a narrativa. Ao entrarem individualmente na sala de aula, local previamente organizado para a sessão, elas foram imersas em um clima temático do fundo do mar, complementado por sons ambientais que recriavam esse cenário. A configuração atraiu a atenção de todos desde o início, proporcionando um momento de contemplação e observação dos personagens e elementos decorativos que faziam parte da

história. Os olhares de admiração revelavam o encantamento com os personagens, enquanto as crianças tocavam nos móveis em formato de ondas e bolhas, bem como nos peixes. Percebi claramente a alegria e o fascínio que sentiam ao interagir com o cenário, demonstrando encantamento ao verem tudo aquilo diante de si, o que contribuiu para intensificar o envolvimento delas com a narrativa.

O livro que narra a história foi cuidadosamente posicionado em um canto da sala, integrando-se ao ambiente temático criado para a contação. Antes de dar início à narrativa, conduzi uma breve conversa com as crianças, apresentando-lhes o livro e enfatizando a importância do objeto como veículo da história que seria contada.

Durante esse diálogo, mencionei o nome do autor, proporcionando às crianças um contexto adicional que enriqueceu a experiência. Essa abordagem não apenas instigou a curiosidade dos alunos, mas também favoreceu a construção de uma relação entre eles e a literatura, preparando o terreno para uma imersão mais profunda na narrativa. A interação inicial com o livro fomentou um ambiente de expectativa e engajamento, reforçando a ideia de que a leitura e a contação de histórias são práticas que podem ser vivenciadas coletivamente, promovendo um vínculo entre os pequenos ouvintes e o universo literário.

Contamos com a presença de 16 crianças, que após se acomodarem nas cadeiras, a sessão teve início com uma música entoada por mim, professora contadora, para introduzir a história: "Uma história vou contar e você vai escutar, preste muita atenção e você vai adorar! Hei, hei, hei! Rá, rá, rá!". A partir da frase "Era uma vez... no fundo do mar", a narrativa começou a se desenrolar gradualmente, com os personagens sendo apresentados à medida que os acontecimentos progrediam. Os peixes, confeccionados com bexigas e decorados com nadadeiras e olhos feitos de papéis coloridos, foram manipulados diretamente por mim. A movimentação desses personagens foi controlada por elásticos, permitindo seu deslocamento no espaço de acordo com minha condução, o que criou uma dinâmica visual envolvente que prendeu a atenção das crianças. As figuras 10, 11, 12 e 13 capturam o momento da contação de histórias, evidenciando a manipulação e movimentação dos personagens, além de como a dinâmica da narrativa se desenvolveu no espaço, envolvendo as crianças de maneira visualmente cativante.

Figura 10 – Início da narrativa: O peixe Arco-íris



Fonte: Da própria autora (2024)

Figura 11 – O Peixe Arco-íris



Fonte: Da própria autora (2024)

Figura 12 – Movimentação do personagem peixe azul controlado por elástico



Fonte: Da própria autora (2024)

Figura 13 – Peixe Arco-íris sendo conduzido de acordo com a narrativa



Fonte: Da própria autora (2024)

Todo esse momento foi registrado em fotos e vídeos por colegas de trabalho. As fotografias foram tiradas por Drucila Millian – profissional de apoio (eventual) e Andrea Melquiades – professora regente I da turma, enquanto a filmagem ficou a cargo de Oneide Barbosa – profissional de apoio da turma. Essa opção assegurou um registro mais espontâneo e autêntico da interação das crianças durante a contação de histórias. Esse registro não apenas

documentou a atividade, mas também refletiu a importância do ambiente escolar e da interação entre colegas para a experiência das crianças.

A escolha de realizar a atividade no ambiente escolar, com a participação de colegas como fotógrafas e cinegrafistas, foi uma decisão estratégica que visou minimizar interferências externas. Essa familiaridade com o espaço escolar pode ter facilitado a participação das crianças, proporcionando um senso de conforto e segurança, que é essencial para a exploração criativa e o envolvimento emocional. A interação com colegas conhecidas pode ter contribuído para o desenvolvimento de empatia e para a construção de um ambiente de apoio, onde as crianças se sentem livres para expressar suas emoções e curiosidades durante a narrativa. A conexão com o ambiente e com os pares pode intensificar a experiência da contação de histórias, promovendo uma maior receptividade e envolvimento com a atividade proposta.

Ao longo da contação, as crianças tiveram a oportunidade de interagir fisicamente com os peixes e outros recursos como móveis em formato de ondas e bolhas, que contribuíram para a imersão no ambiente marítimo. Durante a sessão, houve uma variação na forma como as crianças se envolveram com a história. Parte delas manteve-se atenta à narrativa, acompanhando com interesse o desenrolar dos eventos. Outras, porém, demonstraram uma curiosidade mais ativa pela ambientação, explorando os recursos visuais como os peixinhos suspensos e as ondas móveis, de maneira lúdica e investigativa.

O envolvimento das crianças com o ambiente e os recursos foi notório, refletindo-se em uma variedade de comportamentos que indicaram engajamento emocional e empatia. Durante a contação, pude observar os rostinhos curiosos e apreensivos, evidenciando a expectativa pelo desenrolar da narrativa. As palminhas e os sorrisos espontâneos demonstravam a alegria e a conexão que sentiam com os personagens, enquanto os olhares questionadores e momentos de espanto revelavam um profundo envolvimento com a história. Essa interação não se limitou à observação passiva, as crianças mostraram-se ativamente reflexivas, processando o que acontecia ao seu redor e manifestando empatia pelos personagens.

A contação da história “O Peixe Arco-Íris” teve duração de oito minutos, alinhando-se à recomendação de que o tempo ideal para histórias infantis não deve ultrapassar 10 minutos. Segundo Sisto (2020), esse tempo é suficiente para manter a atenção das crianças, a menos que a história seja muito envolvente e o contador tenha uma performance brilhante, capaz de manter o público totalmente engajado. Nesse caso, a duração curta garantiu que as crianças permanecessem atentas e participativas durante toda a narrativa.

Ao final da contação da história, cada criança recebeu da minha mão um peixinho confeccionado com bexiga, acompanhado de um papel cortado em círculo que representava uma escama deixada pelo Peixe Arco-íris. Esse momento de interação foi marcado por gestos de gratidão e cooperação. Os olinhos de uma criança brilhava de encanto, os dedinhos tocavam o presente com curiosidade e alegria. Foi então que segurou o peixinho com carinho, olhou para mim e disse, com a voz doce e sincera: 'Muito obrigado, tia'! Esse agradecimento enfático, revela a valorização da experiência e a conexão emocional estabelecida.

Durante a atividade de colagem da escama, observei um exemplo notável de solidariedade e empatia: uma criança percebeu que sua colega, a criança Y, enfrentava dificuldades para colar sua escama e prontamente informou: "Tia, a coleguinha Y não conseguiu colar." Com isso, passei a cola e a criança, em um ato de colaboração, ajudou a coleguinha, refletindo um espírito de ajuda mútua e cooperação que se desenvolveu durante a atividade. No encerramento, outra criança comentou: "Tia, eu adorei a sua história", evidenciando o impacto positivo da contação na formação de laços afetivos e na expressão de emoções.

A segunda história trabalhada foi *A Centopeia que Sonhava*, do autor Herbert de Souza, conhecido como Betinho, cuja narrativa encontra-se detalhada nos anexos desta pesquisa. Essa atividade ocorreu no dia 25 de setembro de 2024, na própria sala de aula da turma. O ambiente foi meticulosamente preparado com um tecido ao fundo que imitava uma mata, complementado por imagens de pássaros, criando uma atmosfera imersiva.

De acordo com Sisto (2020), preparar o local antes da contação para torná-lo acolhedor é uma excelente iniciativa, pois gera uma proximidade entre o contador, o público e o que se conta, promovendo maior envolvimento. A escolha e utilização de recursos visuais dinâmicos, como os objetos confeccionados em amigurumi², foram essenciais para criar um ambiente lúdico e envolvente. Esses recursos não apenas captaram a atenção das crianças, mas também estimularam sua criatividade e imaginação. Conforme salientado por Busatto (2013), é fundamental que os objetos utilizados na contação de histórias não esclareçam tudo, mas deixem espaço para que a imaginação das crianças modifique e complemente as formas apresentadas.

Na figura 14, são apresentados os personagens da história "A Centopeia que Sonhava", confeccionados em amigurumi, que desempenharam um papel central na contação. Esses personagens, enriqueceram a experiência narrativa, proporcionando às crianças uma interação

² Amigurumi é uma técnica que surgiu no Japão nos anos 80 e reúne pontos do crochê e do tricô.

tátil e visual com os elementos da história. Os personagens da história são: a centopeia, a andorinha, o peixe, o curió e o macaco.

Figura 14 – Personagens da história: A centopeia que sonhava



Fonte: Da própria autora (2024)

Nesse dia, foi possível contar novamente com o apoio das mesmas profissionais que me auxiliaram com fotos e filmagens da contação anterior, garantindo que toda a sessão fosse registrada de maneira contínua e detalhada, capturando com espontaneidade as interações das crianças durante a contação de histórias.

Uma cadeira foi posicionada próxima ao livro da história, que ficou ao meu alcance, permitindo que eu me sentasse durante a contação. Planejei inicialmente conduzir a história sentada no chão, para estar à altura dos olhos das crianças; no entanto, percebi que aquelas que se acomodaram mais ao fundo do tapete não tinham uma boa visualização da narrativa. Diante disso, optei por utilizar uma cadeira pequena, típica da educação infantil, para garantir que todas as crianças pudessem acompanhar a contação de forma adequada. Além disso, um tapete foi

disposto no centro da sala para que as crianças se acomodassem confortavelmente, ficando livres para escolher a posição em que se sentissem mais à vontade.

Nesse momento, algumas assistiram sentadas, enquanto outras preferiram deitar-se ou alternar entre as posições ao longo da história. Como ressalta Abramovich (1997, p. 22), "Que cada um encontre um jeito gostoso de ficar: sentado, deitado, enrodilhado, não importa como... cada um a seu gosto... E depois, quando todos estiverem acomodados, aí começar 'Era uma vez...'". Essa liberdade para escolher a posição mais confortável permitiu às crianças um envolvimento mais natural e espontâneo, contribuindo para o sucesso da narrativa.

Nesse dia, recebemos 16 crianças na sala de aula, que logo se acomodaram no tapete para participar da atividade. Iniciei o momento comunicando que contaria uma história, apresentando o livro e destacando que a narrativa pertencia ao autor Herbert de Souza – Betinho. Para dar mais vida à narrativa, utilizei um avental de contação de histórias e uma tiara florida, elementos que ajudaram a criar um ambiente mais lúdico e envolvente.

Em um gesto de entusiasmo, saí da sala e retornoi com uma caixa na mão, cantando: "Uma história vou contar e você vai escutar, preste muita atenção e você vai adorar! Hei, hei, hei! Rá, rá, rá!", como evidenciado na figura 15. A história então começou com a famosa introdução: "Era uma vez... Uma floresta!". Essa dinâmica de apresentação, somada aos adereços visuais, visava captar a atenção das crianças desde o início, preparando-as para uma experiência envolvente com a narrativa.

Figura 15 – Início da história



Fonte: Da própria autora (2024)

Os personagens em amigurumi, com sua textura suave, proporcionaram uma experiência tátil e visual que estimulou tanto a imaginação quanto a criatividade dos pequenos. Conforme enfatizado por Silva (2021), na contação de histórias é fundamental criar e valorizar o elemento lúdico, explorando ao máximo os recursos disponíveis e, sobretudo, vivenciando a narrativa de maneira a transportar os ouvintes para o universo da história.

À medida que a narrativa de "A Centopeia que Sonhava" se desenvolvia, os personagens eram revelados de dentro de uma caixa, uma estratégia que aguçou a curiosidade das crianças. Cada personagem retirado da caixa adicionava um elemento surpresa à história, e a interação das crianças com os objetos foi imediata e envolvente.

Desde o início da narrativa, ao apresentar a Dona Centopeia, a personagem principal, ficou evidente o encantamento das crianças. Seus olhares atentos e suas expressões faciais de admiração evidenciaram o impacto emocional causado pela história e pelos recursos visuais. Essa expectativa pelo próximo personagem e a maneira como os recursos foram incorporados

na narrativa contribuíram significativamente para o engajamento emocional das crianças e para a construção de uma atmosfera de envolvimento coletivo.

Na figura 16, é possível ver o momento em que a Dona Centopeia, personagem principal, é apresentada às crianças. O olhar atento das crianças evidencia o profundo envolvimento da turma no desenrolar da narrativa, demonstrando a imersão emocional proporcionada pela interação com a personagem.

Figura 16 – Apresentação da Dona centopeia



Fonte: Da própria autora (2024)

Figura 17 – Narrativa da história da Dona Centopeia



Fonte: Da própria autora (2024)

Durante a contação de histórias, uma situação interessante ocorreu quando uma das crianças interferiu e observou a ausência de boca no peixinho e na centopeia, demonstrando uma percepção aguçada e capacidade de observação. Em vez de interpretar tal observação como uma interrupção, é possível, conforme Machado (2004) *apud* Café (2015), enxergar como sendo uma forma de participação ativa da criança. Ao responder que poderiam usar a imaginação para “fazer de conta” que os personagens tinham boca, nariz e olhos, a contação tornou-se mais interativa, abrindo espaço para que as crianças contribuissem com suas próprias construções simbólicas.

Café (2015) ressalta que o contador de histórias precisa ser sensível às reações do público infantil, sabendo improvisar diante de imprevistos e mantendo o fio da narrativa. Essa sensibilidade exige uma escuta atenta e uma presença ativa para notar, pelos olhares e expressões corporais, se as crianças estão compreendendo ou precisando de alguma retomada. Durante a contação, ao acolher os comentários da criança e estimular a imaginação coletiva, foi

possível garantir um espaço onde cada criança pôde participar da história de maneira significativa, respeitando suas reações individuais.

Além disso, Café (2015) ainda destaca a importância de reconhecer cada criança como sujeito único, com formas distintas de compreender a história, o que exige do contador uma adaptação constante e uma atitude de respeito e alteridade, para que todos se sintam incluídos e valorizados no processo narrativo.

No encerramento da história, as crianças demonstraram grande interesse em tocar e explorar os personagens em amigurumi. Como não havia um personagem disponível para cada criança, foi necessário compartilhar os objetos, o que gerou uma dinâmica interessante de cooperação entre os alunos. A troca espontânea dos personagens entre as crianças, sem a necessidade de intervenção da professora, revelou um comportamento de generosidade e compartilhamento.

Esse momento foi particularmente significativo, pois reforçou o desenvolvimento de competências socioemocionais, como a empatia e a capacidade de conviver em grupo de forma harmoniosa, sem conflitos. A partilha dos personagens foi um reflexo do ambiente de respeito e colaboração que a narrativa e o uso dos recursos visuais ajudaram a fomentar.

O uso de personagens tangíveis, como os amigurumis, mostrou-se uma ferramenta eficaz não apenas para promover o engajamento com a história, mas também para incentivar o desenvolvimento social das crianças. A combinação de elementos visuais, táticos e narrativos possibilitou uma experiência rica e imersiva, que contribuiu para o fortalecimento de habilidades como empatia, cooperação e convivência.

A contação de histórias, quando cuidadosamente planejada e executada, pode ser uma ferramenta poderosa na educação infantil, promovendo o desenvolvimento cognitivo e emocional das crianças. Essa abordagem interdisciplinar entre a contação de histórias e o uso de materiais visuais ressalta o potencial do lúdico na educação infantil, contribuindo tanto para o desenvolvimento emocional quanto para o fortalecimento de vínculos interpessoais entre as crianças.

Figura 18 – Demonstração dos personagens da história



Fonte: Da própria autora (2024)

Figura 19- Desenvolvimento da narrativa



Fonte: Da própria autora (2024)

A contação da história *A Centopeia que Sonhava* teve uma duração de dez minutos, seguindo o planejamento cuidadoso para manter o engajamento das crianças. Nesse contexto, os elementos visuais e a interação constante com as crianças permitiram que a história fluísse de maneira envolvente e mantivesse o dinamismo necessário.

IV REFLEXÕES SOBRE O IMPACTO DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A prática de contação de histórias na educação infantil é uma oportunidade de se criar vivências significativas que integram imaginação, emoção e aprendizado. A história *O Peixe Arco-Íris*, de Marcus Pfister, revelou-se um exemplo marcante desse potencial, desde o momento em que as crianças entraram na sala até o final da atividade, quando puderam interagir com os personagens de forma tátil e simbólica.

Ao entrarem na sala, as crianças demonstraram encantamento imediato com o cenário preparado para a narrativa. Esse ambiente visualmente rico, com peixinhos de bexiga e outros elementos que remetiam ao fundo do mar, despertou a curiosidade e criou uma expectativa positiva. Como ressaltam Souza e Bernardino (2011), um ambiente bem preparado é essencial para promover a imersão na narrativa e captar o interesse das crianças. Esse primeiro contato reforça a importância dos recursos visuais na contação de histórias, permitindo que as crianças se conectem com os personagens de forma concreta e emocional.

Durante a narração, as reações das crianças evidenciaram seu engajamento com a história. Algumas acompanharam o desenrolar da narrativa com os olhos fixos nos personagens, enquanto outras demonstraram uma interação mais ativa, tocando os peixinhos de bexiga ou gesticulando em resposta aos acontecimentos. As expressões de entendimento, como palmas nos momentos felizes da história, e olhares de indignação quando o peixinho se recusou a compartilhar suas escamas prateadas, revelaram a capacidade das crianças de compreender e reagir emocionalmente à trama. Como aponta Abramovich (1997), ouvir histórias permite que as crianças vivenciem uma ampla gama de emoções, ampliando seu repertório emocional e promovendo reflexões significativas sobre valores e comportamentos.

Os olhares atentos e concentrados durante toda a narrativa reforçam o poder transformador das histórias em capturar o imaginário infantil. Esse envolvimento ficou evidente em momentos de curiosidade, quando as crianças pareciam ansiosas para descobrir o desfecho, e no encantamento que surgiu ao final da história. Uma criança, ao ouvir que o peixinho voltou a ter amigos depois de compartilhar suas escamas, expressou espontaneamente: "Parabéns, Tia!". Essa reação demonstra não apenas o entendimento do enredo, mas também a internalização do valor do compartilhamento, um dos principais temas da história.

O impacto social e emocional de *O Peixe Arco-Íris* também se manifestou após a contação. Ao receberem seus próprios peixinhos de bexiga e uma escama prateada, as crianças

mostraram cuidado e empolgação ao manusear os materiais. Um episódio marcante foi quando uma criança ajudou outra a colar a escama no peixinho, mostrando empatia e colaboração. Como destaca Café (2015), a contação de histórias tem o poder de criar espaços onde as crianças podem refletir sobre valores e experimentar comportamentos que fortalecem suas relações interpessoais.

Essas interações continuaram após a contação de histórias, quando deixei um momento livre para que as crianças explorassem e conversassem espontaneamente. Embora eu não tenha planejado essa dinâmica, observei que algumas crianças formaram duplas e, de maneira livre, conversaram sobre o peixinho de bexiga que receberam, apontando e destacando, por meio de gestos, algumas de suas características. Esse momento de troca espontânea mostrou como as narrativas podem, de forma natural, estimular a interação e a conexão entre as crianças, reforçando minha percepção de que o aprendizado vai além do cognitivo, abrangendo também o desenvolvimento social e emocional.

A história *A Centopeia que Sonhava*, de Herbert de Souza (Betinho), proporcionou uma experiência única de engajamento e interação entre as crianças, destacando o poder transformador das narrativas na educação infantil. Desde os primeiros momentos, foi possível observar a expectativa pelo início da história, com as crianças demonstrando curiosidade pelo cenário e pelos personagens que seriam apresentados. A preparação cuidadosa do ambiente, com a inclusão de uma caixa surpresa contendo os personagens, ajudou a criar um clima de mistério e encantamento, estimulando o interesse e a imaginação dos pequenos.

O engajamento das crianças com a narrativa foi notável, mesmo diante de algumas distrações iniciais. Um exemplo significativo, foi o caso de uma criança que, no início da história, deitou-se de costas para a contadora, aparentemente desinteressada. Contudo, à medida que a narrativa avançava e os personagens eram gradualmente retirados da caixa, a criança levantou-se e passou a prestar atenção, demonstrando envolvimento crescente. Esse episódio reforça a capacidade das histórias bem contadas de captar a atenção e transformar o comportamento das crianças ao longo da atividade.

As expressões faciais das crianças durante a narrativa de *A Centopeia que sonhava* foram indicativas de seu envolvimento emocional e sensorial. Olhares atentos, sorrisos espontâneos e exclamações como: “Uau!”, destacaram o poder das histórias em provocar reações autênticas e significativas. Além disso, o gesto de um aluno, que fez um coração com os dedos ao final da narrativa, sintetizou o impacto emocional da história e sua capacidade de estabelecer uma conexão profunda com os ouvintes.

Além disso, a história permitiu que as crianças experimentassem o uso da imaginação como ferramenta de criação e conexão. A retirada gradual dos personagens da caixa surpresa não apenas aumentou a expectativa, mas também incentivou as crianças a preencherem as lacunas narrativas com suas próprias criatividades. Como apontam Janiaski e Oliveira (2023), os materiais visuais utilizados na contação de histórias têm o potencial de tornar o processo mais poético e envolvente, promovendo a imersão e a interação ativa.

Os materiais de registro, como fotos e filmagens, desempenharam um papel crucial para a análise e compreensão mais profunda das interações das crianças durante as sessões de contação de histórias. Esses registros capturaram nuances que, no momento da prática, poderiam passar despercebidas devido ao dinamismo das atividades e à necessidade de manter o foco na narração e na condução das histórias.

Por meio das filmagens, foi possível observar com detalhes as expressões faciais das crianças, como olhares de surpresa, sorrisos de satisfação e até momentos de reflexão, que indicavam o impacto emocional das narrativas. Esses registros também revelaram a linguagem corporal das crianças, desde movimentos corporais que acompanhavam os personagens da história até gestos espontâneos de empolgação, como bater palmas ou fazer um coração com os dedos ao final de uma narrativa.

Esses materiais também trouxeram evidências concretas sobre como as histórias ajudaram as crianças a vivenciarem emoções importantes, como medo, alegria e tranquilidade, ampliando sua compreensão do mundo ao seu redor.

As histórias escolhidas, *O Peixe Arco-Íris* e *A Centopeia que sonhava*, evidenciaram o impacto transformador da contação de histórias na educação infantil, promovendo valores essenciais e desenvolvendo habilidades sociais e emocionais. Como destaca Abramovich (1997): “quando uma criança escuta, a história que se lhe conta penetra nela simplesmente, como história. Mas existe uma orelha detrás da orelha que conserva a significação do conto e o revela muito mais tarde”. Essa prática reafirma o potencial das narrativas como agentes de formação integral, conectando imaginação, valores e aprendizagens que ecoam ao longo da vida.

Ao longo deste capítulo, as observações realizadas durante as sessões de contação de histórias evidenciam a importância e o impacto significativo que as narrativas têm no desenvolvimento das crianças na educação infantil. As histórias *O Peixe Arco-Íris* e *A Centopeia que sonhava* não apenas envolveu as crianças de maneira cognitiva, mas também emocional e social, permitindo que experimentassem valores essenciais como o

compartilhamento, a empatia e o trabalho em equipe. O uso de recursos visuais foi fundamental para intensificar esse engajamento, proporcionando um ambiente que favoreceu a imersão nas narrativas e estimulou as crianças a interagirem com os personagens de forma sensorial e criativa.

Embora o objetivo deste capítulo tenha sido analisar os momentos de contação de histórias e as reações observadas, é importante destacar que essas práticas não são apenas experiências momentâneas. O impacto duradouro das histórias pode continuar a reverberar na vida das crianças, ajudando-as a internalizar valores e desenvolver habilidades socioemocionais que vão além da sala de aula. O aprendizado proporcionado por esses encontros pode se estender para as relações interpessoais das crianças, formando a base para a construção de cidadãos mais empáticos e cooperativos.

Por fim, as histórias, como formas poderosas de contar, ouvir e imaginar, se provam essenciais não apenas como um instrumento de ensino, mas como uma oportunidade para promover a reflexão, a empatia e a expressão emocional nas crianças, impactando sua trajetória de aprendizagem de maneira profunda e significativa.

V ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A abordagem educativa utilizada na educação infantil, ao integrar elementos narrativos e estratégias lúdicas, revela-se essencial para o estímulo do desenvolvimento integral das crianças, abrangendo aspectos emocionais, sociais e cognitivos. Nesse contexto, a análise da contação de histórias na educação infantil com as narrativas de *O Peixe Arco-Írios* e *A Centopeia* que Sonhava foi suficiente para comprovar a importância dos recursos visuais como elementos lúdicos, além de destacar o impacto dessas histórias no processo educacional para fortalecer o envolvimento das crianças e facilitar a compreensão das mensagens transmitidas.

A escolha das histórias para este estudo foi realizada com base no impacto emocional que poderiam gerar, além de sua capacidade de ensinar valores essenciais como a empatia, o compartilhamento e o trabalho em equipe. A partir dos relatos e das observações durante as sessões de contação, ficou evidente como essas histórias conseguiram envolver as crianças de maneira significativa, ampliando seu repertório emocional e favorecendo a criação de vínculos afetivos e sociais entre elas. Como observou Abramovich (1997), a contação de histórias permite que as crianças vivenciem uma ampla gama de emoções e, dessa forma, ajudem a construir uma base sólida para a compreensão de si mesmas e das relações interpessoais.

O uso de recursos visuais, como peixinhos de bexiga e personagens confeccionados em amigurumi, foi essencial para criar um ambiente imersivo que despertou a curiosidade e a imaginação das crianças. Ao transformar o espaço da sala de aula em um cenário vibrante e interativo, os recursos visuais ajudaram a intensificar a experiência da narrativa, tornando-a mais tangível e concreta para as crianças. Essa abordagem, como destacam Souza e Bernardino (2011), favorece uma conexão emocional mais profunda, pois as crianças são estimuladas a interagirem com os elementos da história de maneira sensorial.

Além disso, as observações registradas durante as sessões de contação, através de fotos e filmagens, proporcionaram uma análise detalhada da interação das crianças com as narrativas e com os recursos visuais, permitindo compreender melhor os efeitos dessa prática no desenvolvimento social e emocional dos pequenos. Esses registros foram fundamentais para evidenciar como as histórias podem não apenas promover a reflexão sobre valores como amizade, empatia e solidariedade, mas também como ajudam as crianças a construir a capacidade de cooperar, partilhar e se colocar no lugar do outro. Como Café (2015) observa, a contação de histórias deve ser sensível às reações do público, e a interação espontânea das

crianças com os elementos visuais e os personagens refletiu uma comunicação ativa e criativa, evidenciando o impacto positivo dessas práticas no desenvolvimento emocional e social.

A análise dos dados coletados ao longo da pesquisa confirmou que as histórias, quando bem escolhidas e contadas com afeto e emoção, têm o poder de tocar profundamente as crianças, influenciando positivamente seu comportamento, suas atitudes e suas relações interpessoais. A prática de contação de histórias, ao integrar elementos lúdicos e visuais, não apenas torna o aprendizado mais envolvente, mas também promove um espaço seguro onde as crianças podem explorar suas emoções, lidar com conflitos internos e fortalecer suas habilidades sociais. Como Janiaski (2019b) afirma, as histórias ajudam a transportar as crianças para mundos imaginários, onde elas podem criar perspectivas, refletir sobre suas experiências e aprender a lidar com as emoções de maneira lúdica.

O impacto duradouro das histórias na vida das crianças vai além da sala de aula. As emoções vivenciadas durante as narrativas e as lições que elas proporcionam, como a importância de compartilhar, cooperar e compreender o outro, reverberam nas relações sociais e nas interações diárias das crianças. Esse aprendizado, internalizado de forma natural e intuitiva, contribui para o desenvolvimento de cidadãos mais empáticos, cooperativos e conscientes de suas responsabilidades sociais. Esse processo de aprendizagem socioemocional, promovido pelas histórias, forma a base para a construção de valores que estarão presentes ao longo da vida dessas crianças.

No entanto, é fundamental que a prática de contação de histórias continue a ser monitorada e avaliada de forma contínua. A eficácia dessa prática deve ser verificada regularmente para garantir que os objetivos educacionais e emocionais sejam alcançados. Como Sisto (2020) sugere, a adaptação da narrativa conforme as necessidades e reações das crianças é essencial para maximizar os benefícios da contação de histórias. Isso implica em uma avaliação constante do ambiente, dos recursos utilizados e da forma como as histórias estão sendo apresentadas, garantindo que as crianças continuem a ser desafiadas, envolvidas e estimuladas a refletirem sobre o conteúdo da narrativa.

Em conclusão, as histórias revelaram-se uma ferramenta pedagógica fundamental, não apenas para transmitir conteúdos cognitivos, mas também para cultivar a empatia, o respeito e a solidariedade entre as crianças. Ao integrar a contação de histórias com recursos visuais e um ambiente lúdico, foi possível criar uma experiência rica, envolvente e transformadora para as crianças da educação infantil. Este estudo confirmou a potência do uso de recursos visuais na contação de histórias para crianças pequenas na educação infantil. Com base na experiência

desta pesquisa, observa-se que a estratégia pedagógica adotada contribuiu para o desenvolvimento da empatia e da interação social entre as crianças, favorecendo aprendizagens significativas na educação infantil.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Gostosuras e bobices**/ Fanny Abramovich. São Paulo: Scipione, 1997. (Pensamento e ação no magistério).
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.
- BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara De Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais Para a Educação Infantil**. Resolução CNE/CEB 5/2009. Diário Oficial da União, Brasília, 18 de dezembro de 2009. Seção 1, p. 18.
- BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, MEC/SEF, 1998. 3v.: il.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, LDB. 9394/1996.
- BRUNKHORST Gicelli Petrini da Silva. FERREIRA Luciana. RIBEIRO Everton. **Contação de história como um incentivo ao hábito da leitura**. 2012. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/40546/Gicelli%20Petrini%20da%20Silva%20Brunkhorst.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 6 jul. 2023.
- BUSATTO, Cléo. **A Arte de contar histórias no século XXI: tradição e ciberespaço**/ Cléo Busatto. 4 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- BUSATTO, Cléo. **Contar e encantar. Pequenos segredos das narrativas**. Petropolis: Vozes, 2003.
- CAFÉ, Ângela Barcellos Coelho. **Dos contadores de histórias e das histórias dos contadores**. 2000. 109 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de educação Física. Campinas, SP, 2000. Disponível em: https://www.academia.edu/111821362/Dos_contadores_de_historias_e_das_historias_dos_contadores?uc-sb-sw=23390890. Acesso em: 01 jul. 2024.
- CAFÉ, Ângela Barcellos Coelho. **Os contadores de histórias na contemporaneidade: da prática à teoria, em busca de princípios e fundamentos**. 2015. 277 f., il. Tese (Doutorado em Artes) — Universidade de Brasília, Brasília, 2015. Disponível em: <http://repositorio2.unb.br/jspui/handle/10482/19310>. Acesso em: 02 jul. 2024.
- FARIA, Inglide Graciele de; FLAVIANO, Sebastiana de Lourdes Lopes; GUIMARÃES, Maria Severina Batista; FALEIRO, Wender. **A influência da contação de histórias na Educação Infantil**. Mediação, Pires do Rio - GO, v. 12, n. 1, p. 30-48, jan.- dez. 2017.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia. Saberes necessários à prática educativa**/ Paulo Freire. – São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GIL, Antonio C. **Como Fazer Pesquisa Qualitativa**. Atlas, Barueri [SP]: Grupo GEN, 2021. E-book. ISBN 9786559770496. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9786559770496/>. Acesso em: 02 jul. 2023.
- GIL, Antonio C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social, 7ª edição**. Atlas, São Paulo [SP]: Grupo GEN, 2019. E-book. ISBN 9788597020991. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788597020991/>. Acesso em: 02 jul. 2023.
- JANIASKI VALE, F. “Caminhos da cena para a educação infantil”. In: **Arte da Cena (Art on Stage)**, Goiânia, v. 5, n. 1, p. 193–227, 2019a. DOI: 10.5216/acv5i1.54322. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/artce/article/view/54322/33440>. Acesso em: 05 jul. 2023.
<https://doi.org/10.5216/ac.v5i1.54322>
- JANIASKI VALE, F. **Colocando um novo ponto em cada conto**: Possibilidades de inserção do teatro na educação infantil. (2019b). Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/30992>. Acesso em: 05 jul. 2023.

- JANIASKI, F.; SEVERINO DE OLIVEIRA, M. INFÂNCIAS, HISTÓRIAS E MATERIALIDADES : O contar histórias através do espaço. In: **Revista Rascunhos - Caminhos da Pesquisa em Artes Cênicas**, /S. I.J, v. 10, n. 02, p. 64–82, 2023. DOI: 10.14393/issn2358-3703.v10n2a2023-04. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/rascunhos/article/view/70216>. Acesso em: 13 jan. 2025.
- KROEF, Renata Fischer da Silveira; GAVILLON, Póti Quartiero; RAMM, Laís Vargas. Diário de Campo e a Relação do(a) Pesquisador(a) com o Campo-Tema na Pesquisa-Intervenção.In: **Estud. pesqui. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p. 464-480, ago. 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.12957/epp.2020.52579>.
- http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812020000200005&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 06 jul. 2023. <https://doi.org/10.12957/epp.2020.52579>
- LIMA, Valéria da Silva.; BRAGA; Eduardo dos Santos de Oliveira.; DANTAS, Luiz Felipe Santoro.; ALVES, Thiago Rodrigues de Sá.; ANJOS, Mayta Brandão dos. “A arte de contar histórias na Educação Infantil: reflexões para a construção de saberes diversos”. In: **Revista Insignare Scientia**. v.5, n.1. 2022. Disponível em: <https://periodicos.uffs.edu.br/index.php/RIS/article/view/11768/8442>. Acesso em: 05 jul. 2023. <https://doi.org/10.36661/2595-4520.2022v5n1.11768>
- LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. “Métodos de coleta de dados: Observação, entrevista e análise documental”. In: LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986. p25 – 44.
- MATEUS, Ana do N. Biluca.; SILVA, Andréa Ferreira da.; PEREIRA, Elaine Costa.; SOUZA, Josiane Nascimento Ferreira de.; ROCHA, Letícia Grassi Maurício da.; DE OLIVEIRA, Michelle Potiguara Cruz de.; SOUZA, Simone Cunha de. **A importância da contação de história como prática educativa na educação infantil**. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC), 2014. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/pedagogiacao/article/view/8477>. Acesso em: 19 Abr. 2023.
- OLIVEIRA, Meirinês Severino de. **Histórias, espaços e objetos**: experiências artísticas pedagógicas com a primeira infância. 2022. 86 f. Dissertação (Mestrado em Artes) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2022. DOI <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2022.663>. <https://doi.org/10.14393/ufu.di.2022.663>
- PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO. Escola Municipal de Educação Infantil Elôah Marisa de MenezesDados sobre o Projeto Político Pedagógico da Escola de educação Infantil Elôah Marisa de Menezes, Uberlândia, 2022.
- RAMOS, Maria Isabel Alves. **Contadora de histórias**: elaboração de uma trajetória pessoal. Dissertação de mestrado. Faculdade de Educação da UNICAMP, Campinas, SP. 2013.
- RIGLISKI, Adriane Schreiber. **Contribuições da contação de histórias no desenvolvimento das linguagens na infância**. Ijuí, 2012. Disponível em: <https://bibliodigital.unijui.edu.br:8443/xmlui/bitstream/handle/123456789/1619/TCC%202012%20Adriane%20S.%20Rigliski.pdf?sequence=1>. Acesso em: 22 abr. 2023.
- SILVA, Emanoela Cargnin da. Uma boa história, um bom contador, uma criança e a imaginação: características da contação de histórias. **Revista Educação Pública**, v. 21, nº 22, 15 de junho de 2021. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/21/22/uma-boa-historia-um-bom-contador-umacrianca-e-a-imaginacao-caracteristicas-da-contacao-de-historias>. Acesso em: 22 abr. 2023.
- SILVA, J. P.; RIBEIRO, J M. A importância da literatura na alfabetização. **R. Eletr. Cient. Inov. Tecnol**, Medianeira, 2017: Edição Especial - Cadernos Ensino / EaD , 2017. Disponível em: https://revistas.utfpr.edu.br/recit/article/viewFile/e-4771/pdf_1 Acesso em: 01 jul. 2023.
- SILVA, Maria Cícera de Sá e; ALVES, Francisca Ivoneide Benício Malaquias. “As contribuições da contação de história na educação infantil”. In: X Congresso Internacional das Licenciaturas (COINTER PDVL), 2023, Recife. **Anais** [...]. Recife: [Instituto Internacional Despertando Vocações],

2023. Edição presencial. Disponível em: <https://smart.institutoidv.org/2023/pdvl/uploads/1453.pdf>. Acesso em: 13 de Jan. 2025.

SISTO, Celso. **Textos & pretextos sobre a arte de contar histórias**. Belo Horizonte: Aletria, 2012.

SOUZA, Linete de Oliveira, BERNARDINO, Andreza Dalla. “A Contação de Histórias como Estratégia Pedagógica na Educação Infantil”. In: **Educere et Educere Revista de Educação**. Ed Uninive-SP. Vol. 6 nº12, 2011.

TAHAN, Malba. **A arte de ler e contar histórias**. 4. ed. Rio de Janeiro: Conquista, 1966.

UBERLÂNDIA. **Diretrizes Curriculares Municipais de Uberlândia para a Educação Infantil**. Uberlândia, 2020.

WUO, Ana Elvira. RAMOS, Maria Isabel. “Dramacontação: para contar e dramatizar histórias”. In: Muccillo, M. A., Berlucci, I.. (Org.). **As faces da escola: Um olhar caleidoscópio**. 1ed. Campinas: Emoped, 2010, v. 1, p. 1-432.

WUO, Ana Elvira.; RAMOS, Isabel. Ler e contar histórias: uma espiral mediadora na unidade corporal, lúdica e encantatória. In: Eliane K.Oliveira; Giselly Limas de Moraes; Cristiane Marcela Pepe. (Org.). **Leitura literária e mediação**. 1ed.Campinas: Leitura Crítica, 2014, v. 1, p. 7-216.

ANEXOS

ANEXO I

HISTÓRIA O VESTIDO AZUL

CONTO POPULAR RECRIADO POR SANDRA AYMONE

Você já viu uma casa que parece mal assombrada? Uma casa com paredes sujas, janelas quebradas jardim cheio de mato... a casa onde Talita morava com seus pais era desse jeito. As outras casas do bairro também eram simples, mas um pouco mais conservadas. Talita nunca faltava à escola e sempre tirava notas boas. Ela era muito boazinha com as pessoas, mas as outras meninas quase nunca queriam lhe dar a mão quando brincavam de roda. É que ela estava sempre suja e com a roupa rasgada. O professor de Talita chamava-se Felipe. Ele trabalhava muito e adorava seu trabalho, mas o dinheiro era curto, não sobrava quase nada no final do mês.

O professor Felipe tinha muita vontade de ajudar Talita a ter mais amigos. Então, teve uma ideia: decidiu comprar um vestido novo para ela.

Para poder juntar dinheiro, ele parou de almoçar no bar do Chico e aprendeu a cozinhar porque saía mais barato. Depois de um mês, o professor já tinha virado um cozinheiro de mão cheia! E ficou tão animado com o resultado que começou a ter mais ideias práticas para fazer economia. Assim, chegou o dia em que conseguiu comprar um vestido para Talita!

A menina adorou! Quase não conseguiu agradecer, de tanta emoção que sentiu! Voltou para casa abraçando com força seu presente.

No dia seguinte, todos repararam que Talita já parecia outra pessoa, de vestido novo e limpo.

O pai e a mãe de Talita também perceberam que a filha estava mais alegre. Então a mãe, que se chamava Joana disse:

— Como nossa filha está sujinha! Nem combina com esse vestido novo e tão Limpo...

Deu banho em Talita, cortou suas unhas e penteou os seus cabelos. Que mudança! Talita gostou e, desde aquele dia, passou a se cuidar mais. Agora ela andava sempre limpinha e penteada, com seu vestido azul.

Logo as outras crianças começaram a convidá-la para suas brincadeiras. Talita estava tão feliz! Para ela, o mundo ficou parecendo tão azul quanto o seu vestido!

Um dia, o pai de Talita, que se chamava Jorge falou para Joana:

_ Sabe o que eu pensei? Que é uma vergonha que nossa filha tão estudiosa e bem arrumada more em uma casa como esta, toda quebrada e suja! Vamos dar um jeito nisso?

Joana achou que ele tinha razão:

_ Vou fazer uma limpeza, jogar fora o que a gente não usa e fazer umas cortinas com aquele pano que eu ganhei de aniversário.

Arrumar a casa deu bastante trabalho, mas Jorge e Joana sentia um prazer enorme ao ver tudo se transformando. Não entendiam como tinham conseguido viver por tanto tempo daquele jeito!

Aos poucos a casa foi ganhando vida nova. Agora ela tinha um Jardim Florido, paredes branquinhos, vasinhos nas janelas... Os vizinhos começaram a comentar:

_ Que coisa incrível! A casa do Jorge e da Joana, agora é a mais bonita da rua! E eles não gastaram quase nada!

_ Pois é! Agora a nossa é que está fazendo feio! Amanhã vou comprar uma lata de tinta e dar um jeito na fachada.

_ E eu vou arrumar mudas de roseira. Sempre quis ter um jardim de rosas!

_ Faz tempo que eu estou querendo pintar a porta e a janelas da mesma cor. Também quero uma casa bonita!

Em pouco tempo o bairro todo estava transformado!

Mas a poeira das ruas de terra ainda sujava bastante as casas.

Joana falou:

_ Se nossas ruas fossem pavimentadas teria menos poeira e tudo ficaria mais limpo!

Ela e outras pessoas do bairro formaram um grupo. Foram até o prefeito e pediram este melhoramento. O prefeito resolveu visitar o bairro e ficou impressionado com o capricho dos moradores. Disse:

_ Nunca vi casas tão bem cuidadas! Vou providenciar a pavimentação das ruas principais e a canalização do esgoto.

Talita também teve uma ideia:

_ Ali na esquina tem um terreno baldio, cheio de mato e lixo. Se todos ajudassem ele poderia virar uma praça, com brinquedos para a gente se divertir!

A criançada adorou a sugestão e o prefeito autorizou o projeto.

Depois de retirar o lixo os moradores descobriram que reunindo seus talentos, poderiam construir os brinquedos. Quem tinha material sobrando em casa... doou. Quem sabia trabalhar com madeira... trabalhou. Quem não sabia... aprendeu. Por fim, com restos de tinta pintaram

tudo bem colorido! Logo, a praça tinha balanços, gangorras e um escorregador, que no instante se encheu dos risos das Crianças!

Dona Corina que nunca saía da cama, levantou-se e foi até a calçada.

Seu Clodoaldo que só pensava em fazer contas cheirou uma flor.

Dois namorados pararam de se beijar e foram para a janela olhar.

Os risos alegres lembraram a todos que a vida tinha ficado melhor!...

Mas havia alguém mais feliz que todos o professor Felipe. Ele olhava as ruas limpas, as rosas nos Jardins, as pessoas mais sorridentes e pensava:

— "Quem diria! E tudo começou com um vestido azul..."

ANEXO II

HISTÓRIA A CENTOPEIA QUE SONHAVA

AUTOR: HERBERT DE SOUZA BETINHO

Lá ia a centopeia pensando com seus botões. "Mas que vontade de voar", pensou, ao ver a andorinha lá no alto.

" Mas que vontade de nadar" , pensou ela, quando viu o peixinho vermelho fazer maravilhas dentro da água. "E cantar como curió, que dobra suas notas que é uma beleza!"

" É, mas centopeia não voa, não nada e nem canta", concluiu com tristeza. "Tenho que me conformar e ficar andando com minhas cem perninhas e ainda achar bom."

Aí ouviu uma vozinha que chegava do alto de uma árvore. Era a andorinha, que lhe disse:

— Dona centopeia, estou vendo que a senhora tem vontade de voar.

— É verdade - respondeu-, mas não posso, não tenho asas, só tenho perninhas, que servem para andar mas não para voar.

— Mas a senhora pode voar comigo, nas minhas costas!

— Será mesmo que posso realizar esse sonho, ir lá em cima, nas nuvens, ver tudo do alto?

— É claro que pode, venha!

Mais que depressa centopeia subiu nas costas da andorinha, que saiu voando. Em poucos instantes já estava lá no alto. Era uma maravilha ver tudo ficar pequeno ali embaixo. Como o mundo era grande lá de cima, e bonito, azul, e que ventinho gostoso ela sentia. Nem teve medo, de tão animada que estava com a experiência.

" Devo ser a primeira centopeia do mundo a voar" pensou ela com suas perninhas.

— Vamos descer, dona Andorinha, é emoção demais.

E desceram.

— Quando quiser voar de novo é só falar - disse a andorinha, e sumiu no céu como um raio.

" Voar foi possível", pensou a centopeia. "Mas nadar não tem jeito, aí só sendo um peixe mesmo." Ela, então, ouviu outra vozinha que vinha da água.

— Ei, Dona centopeia, a senhora tem vontade de nadar? Ir lá no fundo e descobrir um outro mundo colorido?

_ Mas como, seu peixinho? Será possível? Não vou morrer afogada?

_ Não - disse o peixinho -, a senhora sobe nas minhas costas, se agarra direitinho e prende a respiração por uns minutos. Boca fechada e olhos bem abertos. Vai dar certo. - E deu mesmo.

A centopeia subiu nas costas do peixinho, prendeu a respiração e... Foi outra maravilha! Como era bonita a água azul, limpa, cheia de outros peixinhos coloridos.

A centopeia levou um susto enorme quando apareceu um peixão. "E se ele pensar que eu sou uma minhoca?" Mas não pensou. Nadar era uma maravilha. A vida debaixo da água é outra coisa. Mas só para quem consegue prender a respiração por bastante tempo, e ela já estava aflita para subir. E subiram.

_ Obrigada, seu peixinho, foi uma beleza!

_ Quando quiser nadar de novo é só falar _ disse o peixinho. _ Mas eu tenho outra surpresa para a senhora.

O peixinho pegou uma conchinha, amarrou um barbante fino e disse:

_ Suba, Dona centopeia, vamos correr por cima da água! _ E saiu nadando, puxando a centopeia a uma velocidade incrível. Foi o máximo!

É, a coisa estava ficando boa. Ela, uma simples centopeia, já havia voado e nadado, e não tinha asas nem era peixe!

Mas cantar como curió, isso sim que não podia nem deveria haver jeito. Não tinha voz, não sabia produzir uma melodia. Mas de novo a centopeia ouviu uma voz, que dessa vez vinha lá do alto de uma laranjeira. Era o curió, que dizia:

_ Olha, Dona centopeia, cantar a gente aprende. Tem gente que sabe educar a voz e canta que é uma beleza. Mas eu tenho uma coisa melhor que cantar: é tocar uma flautinha.

_ como pode ser isso, seu curió?

_ Eu faço uma flauta de bambu bem feitinha, ensino as notas para a senhora e aí podemos tocar e cantar juntos.

_ Essa eu nem acredito.

_ Mas vai acreditar.

E o curió fez uma flautinha com um som muito doce e bonito. A centopeia ficou tão entusiasmada com as aulas que aprendeu logo ela tocava bonito, e todos os bichos da floresta e eu ouvi a centopeia flautista.

A Centopeia agora tinha um último desejo: pular de galho em galho lá no alto das árvores da floresta. Mas como, se não conseguia nem dar um saltinhos aqui na terra? Foi quando chegou o macaco, com o riso bem esperto nos lábios.

_ Se a senhora quiser saltar, é só subir aqui nas minhas costas e se segurar bem.

_ Claro que quero! Vai ser muito divertido ir saltando por aí de galho em galho!

E foi uma algazarra. O macaco pulando, gritando e rindo, com acentopeia agarradinha nas suas costas. Parecia um circo, o macaco era mestre do salto.

A noite fui chegando e a centopeia estava muito feliz com todas as aventuras daquele dia. De repente se deu conta do que havia acontecido: ela não sabia que tinha tantos amigos na floresta e que tudo que ela não conseguia fazer sozinha ela podia fazer com ajuda dos outros bichos. Podia voar sem ser pássaro, nadar sem ser peixe, cantar sem ter voz e pular sem ter pernas e braços de macaco.

_ Quem tem esses amigos pode tudo _ concluiu ela. Juntos vamos muito longe!

ANEXO III

HISTÓRIA O PEIXE ARCO-ÍRIS

AUTOR: MARCOS PFISTER

Lá bem longe no profundo Mar Azul vivia um peixe. Não eram peixe qualquer, mas o mais belo peixe de todo o oceano. Suas escamas eram multicoloridas: havia verdes, azuis, púrpura e, entre elas, algumas prateadas e brilhantes. Os outros peixes ficavam encantados com a sua beleza. Eles o chamavam de Peixe Arco-íris.

— Venha, peixe Arco-íris — diziam. — venha brincar conosco!

Mas ele apenas passava, orgulhoso e calado, com suas escamas cintilantes.

Um dia, o peixinho azul começou a acompanhá-lo.

— Arco-íris — ele chamou —, espere por mim! Por favor, me dê uma dessas suas escamas brilhantes. Elas são tão lindas... E você tem tantas!

— Você está me pedindo uma de escamas especiais? Quem você pensa que é? — gritou o Peixe Arco-íris. — Deixe-me em paz!

Magoado, o peixinho azul se afastou. Ele estava muito aborrecido e foi contar aos seus amigos o que se passara. Desse dia em diante ninguém mais quis saber do Peixe Arco-íris. Quando ele se aproximava, todos se afastavam.

De que adiantava ter aquelas escamas tão reluzentes e fascinantes se não havia ninguém para admirá-las? Agora ele era o peixe mais solitário de todo o oceano.

Um dia ele resolveu desabafar suas mágoas com a estrela-do-mar:

— Realmente eu sou bonito. Porque, então, ninguém gosta de mim?

— Nada posso responder disse a estrela-do-mar. Mas se você for até a caverna profunda, que fica além do recife de coral, vai encontrar o polvo sábio. Talvez ele possa ajudar você.

O Peixe Arco-íris encontrou a caverna. Lá dentro era muito escuro e ele não enxergava nada. De repente dois olhos enormes o assustaram com seu brilho, e o polvo surgiu da escuridão.

— Eu já esperava por você disse o polvo com voz grave. As ondas me contaram a sua história. Eis o meu conselho: dê uma de suas escamas brilhantes a cada um dos outros peixes. Você já não será o mais belo peixe do oceano, mas descobrirá como ser feliz.

— Não posso... — começou a dizer o Peixe Arco-íris, mas o polvo já tinha desaparecido numa escura nuvem de tinta.

"Dar minhas escamas?" Pensou. "Minhas belas escamas cintilantes? Jamais! Como eu poderia ser feliz sem elas?"

De repente, ele sentiu o leve toque de uma nadadeira. Era o peixinho azul que vinha nadando atrás dele.

_ Arco-íris, por favor, não se zangue. Eu só quero uma escamazinha.

O Peixe Arco-íris começou a ceder. "Só uma escama brilhante, bem pequenina", pensou.
"Bem, talvez uma só não me faça falta..."

Com todo cuidado o Peixe Arco-íris tirou a menor das suas escamas e a deu ao peixinho.

_ Obrigado! Muito obrigado mesmo! _ O Peixinho azul começou a soltar borbulhas de alegria assim que colocou a escama brilhante entre as suas escamas azuis.

Então um sentimento estranho se apoderou do Peixe Arco-íris. Durante muito tempo ele ficou observando o peixinho azul, que nadava para frente e para trás com sua nova escama cintilando na água.

O peixinho azul rodopiou por todo o oceano com a sua escama brilhante. Assim não demorou muito e o Peixe Arco-íris estava rodeado pelos outros peixes. Todos queriam também uma escama cintilante.

Arco-íris dividiu suas escamas com eles. E quanto mais ele dava, mais contente ficava. Quando viu ao seu redor aquela porção de escamas reluzentes, sentiu-se enfim à vontade entre os outros peixes.

Finalmente, o Peixe Arco-íris ficou com apenas uma escama brilhante. Seus mais valiosos bens haviam sido distribuídos e mesmo assim ele estava muito feliz.

_ Venha Arco-íris chamavam todos - Venha brincar conosco!

_ Estou indo - disse ele. E, mais feliz do que nunca, nadou para junto de seus amigos.